



Biismarck Ngunza

UM AMOR
BANDIDO

entre a tristeza e a alegria

Mr Boldness

Biismarck Ngunza

**UM AMOR
BANDIDO**

entre a tristeza e a alegria

Mr Boldness

UM AMOR
BANDIDO
entre a tristeza e a alegria

Ficha Técnica

©Bismarck Ngunza, 2023

Título

Um Amor Bandido - Entre a Tristeza e a Alegria

Autor

Bismarck Ngunza

Contactos

E-mail: bismarckngunza@gmail.com

Instagram: @bismarckngunza

Edição e Design de capa

Bondi Kiála

Diagramação

Bismarck Ngunza

Revisão

Johanna Miguel

Editora

Publicação Independente

Produção do e-book

Bismarck Ngunza

1.ª Edição, Fevereiro de 2023

Depósito legal n.º: 11944/2023

ISBN: 978-989-33-4405-8

É expressamente proibida a reprodução deste e-book, no todo ou em parte. Seja quaisquer meios sem autorização do autor.

Tel: (+244) 930-206-000/ 956-019-975

*À Rebeca Ngunza, por saber
me olhar devagar*

AGRADECIMENTOS

A Deus, o Todo-Poderoso, pelo fôlego e dom da vida. Aos meus deuses terrestres, Francisco Saúde Ngunza e Antonica Ernesto, por me trazerem ao mundo e por me educarem para que me tornasse no homem que sou hoje. À Rebeca Ngunza, minha kota, dedico este livro. Palavras parecem insuficientes para explicar a grande influência que tens na minha vida.

Aos meus kotas: Miquéias Ngunza, Isidro Ngunza, Job Ngunza, Joaquim Ngunza e, especialmente ao José Vunge (Vida).

A ti, Rosa Camolaquenda, com maior respeito e admiração. Um forte abraço e, claro, muito obrigado pelo prefácio! Reconheci logo a tua voz nas primeiras palavras. Foste verdadeira. Para mim, é isto o que importa. À Teresa Augusto, uma das minhas primeiras leitoras. Obrigado por todas as palavras incentivadoras e pela tua amizade. É um prazer. À Mariquinha Ngola, por ser a mulher que sempre foi comigo: forte e amável. Ajudaste-me a descobrir a melhor versão de mim, a enxergar e a abraçar as coisas simples.

E a todos que trabalharam para tornar este sonho em realidade, nomeadamente: o Bondi Kiala, que deu imagem e brilho a esta obra, e a Johanna Miguel (A Distinta), que deu beleza e harmonia ao texto. Muito obrigado, equipa técnica, e muito sucesso!

A Rosalf Comercial, pelo patrocínio, e, em particular ao Arlindo dos Anjos, por enxergar além e mais do que os olhos carnis podem alcançar. *Ngasakidila!*

A Quis2j-Hoghe Comércio e Prestação de Serviços e a Cleomara Eventos, pelo apoio.

A todos cujos corações foram tocados por *Ngana Nzambi*.
Ngasakidila.

Nda Pandula.

PREFÁCIO

Abordando um dos problemas que o povo angolano, em particular as mulheres, enfrenta todos os dias – os conflitos matrimoniais e profissionais – Biismarck Ngunza estreia-se no mercado literário com a presente obra.

Um Amor Bandido é um romance que espelha a realidade angolana com temáticas que vão desde a infidelidade, o desemprego até a agressão física e verbal que todos os dias vemos pelas ruas e ouvimos pelas quatro paredes dos lares do nosso país.

Além de apresentar uma narração de fácil entendimento, Biismarck Ngunza traz, também, o seu lado poético, não só através dos poemas que desfilam ao longo do texto; mas, também, pelo recurso a figuras de estilo que preenchem várias cenas.

Apesar de ser a sua estreia, Biismarck brinda o mercado literário com um grande traquejo no uso das palavras, mostrando um forte relacionamento com as letras. É com a sua “pouca idade”, mas com “muita mente” que Biismarck se apresenta ao mercado literário angolano com uma obra que merece, com certeza, uma avaliação positiva tanto pelo conteúdo quanto pela estrutura que, de modo geral, apresenta. Prefaciá-la obra “*Um Amor Bandido*” foi, para mim, uma honra imensurável.

A si, caro leitor, votos de boa leitura!

Rosa Camolaquenda

CAPÍTULO UM

Naquela manhã fria e cinzenta, depois de olhar pela janela e ver o bairro quase engolido por uma névoa, fiquei pensativa com o quadro de fotografia nas mãos durante muito tempo. E, nos meus olhos, apareceu uma tempestade, provocando muitas sensações. Sentimentos estranhos invadiram-me as entranhas. Por mais que eu quisesse parar com aquilo, era incapaz. Fora tomada. Estava a ser completamente impelida pelos vultos de sentimentos que me atingiam brutalmente. Por mais que tentasse, por mais que ousasse, sentia-me preenchida por aqueles universos. Talvez conectada.

Descalça e de pijama andei pela casa com os olhos eufóricos. Andando pé ante pé, passei os meus dedos naquelas fotos para me perder na saudade e nas lembranças. Porém, as mudanças estavam previstas, eram a única realidade. Não dava para fugir disso, mas não era o que eu queria; pelo menos não para mim. Como inocente, vitimava-me ao filmar as histórias que todas as fotos contavam ao mundo de forma heróica.

E, contando que desse tempo de olhar com detalhes para a pequena vida que tinha — embora eu a ignorasse — lá no fundo, bem no fundo, em algumas madrugadas, eu era uma menina encolhida num canto, na sombra da amargura, a olhar para a cama: um leito de vazios e tristezas. Nesses dias, esperava ansiosa para ser

acobertada pelo calor de uma outra criatura. Isso na esperança de que essa criatura provocasse em mim emoções delirantes, coisas que me levassem para outras dimensões dos prazeres da carne ou que me fizessem se perder e esquecer de quem eu era.

Ali mesmo naquele canto eu percebia que era leve, uma criatura com capacidades débeis com quem o vento podia brincar, desenhando no rosto os caminhos do rio Kwanza.

Sobre as janelas existenciais havia conspirações de muitos sentimentos imediatistas. A vida era um caos, um tanto quanto pesada nos dias em que a tristeza me deseritava da alegria.

Todas as vezes que me levantava para ir ao trabalho sentia-me obrigada a transformar-me numa estrela de cinema para esconder as mágoas e todas as mazelas que me atordoavam; pois a vida tinha sabor amargo.

Eram incompreensíveis os meus sentimentos. As minhas lutas ganhavam sabores desgostosos dia após dia. Eu ficava angustiada e com muito ódio por não conseguir mudar isso. Nestes dias em que a saudade me assolava, pegava a camisa do meu marido e cheirava toda ela. Depois uma chuva de delírios prazerosos caía sobre mim, porque era o cheiro de outra pessoa que estuprava o meu nariz.

Sempre que o fazia os meus pensamentos alimentavam o meu sofrimento. Era uma dor imensurável e permanecer em silêncio era o pior. Era como se eu estivesse a assinar a própria sentença de morte.

Que fé é essa que eu tenho nessa vaga esperança?

Naquele instante, quando as respostas vieram à minha mente, fui despertada por um barulho que fez o meu coração pular de susto. Corri para ver o que era. Vi um homem passar por mim às pressas e com o corpo curvado. Era o meu marido — chegando de madrugada de novo. Saudou-me com desgosto, atirou-se nos

braços da cama sem se desfazer de nada: nem da roupa, nem dos sapatos.

Eu olhava para ele com o corpo e a alma intrigados, perguntando onde ele havia dormido.

— O que é? — perguntou tão logo descobriu o meu olhar. Lançou-me um olhar desigual e voltou a enfiar a cara no travesseiro de modo desleixado.

Sentei ao seu lado e senti-o num toque leve. Quais dilemas ele tinha naquele olhar? O amor dele era tão impaciente que seduzia o meu.

— Marido!

— O que é? Fala então... eu quero dormir.

Os meus olhos insistiram em observá-lo e em namorar aquela beleza.

— Já estás a incomodar — alterou-se. — E ainda ficas aí sem falar nada. Me deixa enterrar esse sono — ordenou.

Perguntei, um pouco triste, por que ele me tratava mal. Ele resmungou com grosseria, respondeu-me muito mal, ferindo mais ainda o meu coração.

— Eh! uma pessoa só quer saber o que está a se passar. É preciso já lhe responder assim? — reclamei.

— Não tenho paciência pra isso agora!

— Marido... por que me tem por inimiga nessa manhã?

Ele levantou-se chateado.

— Caraças! Mas que raio de mulher és tu? Já te disse pra me deixares em paz, não disse? — ameaçou rebentar-me a cara com um soco.

E, num intervalo de poucos segundos, as suas mãos ganharam, então, a divina coragem e cobardia para agredir o meu rosto com uma bofetada desmedida.

— Olha só o que me forças a fazer? — retrucou depois de dizer o meu nome repetidamente enquanto lutava para controlar a raiva e isolar o amor selvagem que sentia e que lhe era como uma maldição.

Irritada com aquele atrevimento, lancei um livro volumoso no rosto dele. Com isso, o meu marido enfureceu-se mais do que já estava, voltou a bater em mim até que caí desamparada. De imediato, o meu corpo ficou estendido no chão onde fiquei a imaginar o meu futuro, perguntando-me que vida eu teria se alimentasse aquele amor. Enquanto isso, ele apontava o dedo para mim com os olhos fagulhando raiva, gritando com muita força:

— Isso é pra aprender a me respeitar, porra!

Implorei, roguei perdão por acordar a fera do meu marido. Tudo o que ele queria naquele momento era apagar aquele fogo; mas quanto mais tentava, mais o fogo consumia-o. Até que restaram apenas cinzas. Depois, arrancou o cinto da calça e tatuou a minha pele. O meu corpo renegava aquela dor com bramidos e choros perdidos, insistindo em perguntar que pecado desconhecido cometera.

Aquele cinto me fazia sentir dores horríveis. Era como se as chicotadas que rasgaram as costas dos meus antepassados tivessem sido guardadas todo esse tempo só para mim, como se eu fosse a herdeira legítima. Cansada e perdida no tempo, eu morria de desespero para me ver livre daquela surra. Tentei até fugir, mas o meu marido quase me quebrou os braços.

Em seguida, ele arrancou do meu corpo as roupas que trajava.
Ele não teria coragem... isso seria uma profanação!

Eu tremia de medo e a raiva encheu a minha barriga de frio. Foi então que ele apreciou-me nua; observava cada contorno do meu corpo, cada curva esculpida por Deus com um desejo inusitado. Quando beijou-me à força, senti ânsia de vômito. Não

deu para esconder o nojo em minha face. O meu marido não gostou de saber que me sentia repelida por ele naquele momento, por isso desfigurou ainda mais os meus lábios, roubando a sua doçura. O desfile que as suas mãos começaram a fazer no meu corpo provocavam-me arrepios de dor.

Quando a vida tapou os olhos, o meu marido agarrou-me à força e abusou-me. Serviu, assim, a sua fé, prestando orações a seu deus. E eu... os seus suspiros abafados suportava enquanto o meu coração caía doente.

Depois de me obrigar a se relacionar naquele momento, ele não conseguia olhar para dentro dos meus olhos. Cobri o meu corpo injuriado ao mesmo tempo que lançava nele olhares cheios de ódio. Angustiado e nervoso, eu insistia em olhar até que ele, cabisbaixo, atreveu-se a expulsar-me do quarto. Assim, eu consegui imaginar como ele se sentia depois do que me fez. Mas aquilo era imperdoável; nem mesmo o meu amor podia aceitar tal ofensa a sua virtude. Eu senti-me como se fosse uma qualquer. Como eu odiei aquela sensação! Pensar naquilo deixava o meu estômago embrulhado! Sentia algo a correr dentro de mim: era cólera.

Busquei asilo no quarto de hóspedes. Naquele lugar, as minhas lágrimas lamentaram as dores do meu âmagô. Eu queria fugir para qualquer direcção que acabasse com a minha dor; queria correr para qualquer lugar que não fosse perto do meu marido. Mas algo me impedia. O meu coração.

Por que o meu coração sentia prazer em sangrar? Não chorou ele o suficiente? Um amor muito intenso sinto correr pelo meu corpo. Quão cruel é esse amor que me desafia a duvidar das minhas crenças e faz o meu coração amar sem prudência!

Minutos depois, ouvi ele sair. Com vontade de chorar infinitamente ou fazer algo que arrancasse a dor que se ancorava no

meu universo, viajei a passos miúdos e trémulos pelas grandes amarguras vividas naquela casa.

Elsa era a mulher mais forte que eu conhecia e, ao mesmo tempo, a que sofria os maiores azares da vida. Não que eu a admirasse pela forma como fugia dos problemas ou pela capacidade que tinha de os contornar de uma forma surpreendente. Não! Era mais porque a verdade era parte da sua natureza íntima. E isso me atraía.

Naquele dia, há horas que Elsa ligava para mim. Eu conhecia bem aquela insistência em querer falar com as pessoas. Visto que eu não atendia às chamadas, ela decidiu procurar-me. Quando percebi que era Elsa que batia incessantemente a porta, senti o meu coração pressionado. Lembrei de enxugar as lágrimas para abrir a porta sem denunciar o meu sofrimento.

Antes que ela dissesse qualquer coisa, minha mente viajou para a clientela lá do restaurante.

— Eles devem estar com muita fome... — pensei em voz alta.

— Esqueça aquela gente! A questão é outra. — advertiu-me, deixando os saltos ao pé da porta.

Fechei a porta atrás de mim.

Como é de hábito, antes de ir ao objectivo, Elsa tentou enrolar-me numa conversa fiada. Mas eu estava com a cabeça noutra lugar, perambulando em outras dimensões. Quando reparou no meu estado de espírito naquela manhã, Elsa ficou perguntando que tristeza era aquela que abalava o meu ser. Não disse nada, simplesmente a abracei. Ela abrigou-me no seu colo e, sem mais perguntas, apenas começou a cantar para mim. Com aquela canção,

por um momento eu me senti segura. Tão segura como quem não tinha o que temer. Contudo, a minha dor intensificava a cada instante, por isso comecei a soluçar de amargor.

Não consegui conter a dor que me afligia, a minha angústia denunciou a quantidade da aflição que sentia. Chorei. Naquele colo, derramei as lágrimas mais tristonhas da história. E Elsa continuava com a canção, acalmando-me e passando a mão no meu cabelo. Levantei-me e tirei algo doce na geladeira para a gente comer. Senti o olhar dela tão misterioso e intrigante, fitando-me pelas costas. Olhava-me do jeito que só ela sabia. Era o olhar tão calmo e tão leve... que eu conhecia bem e que a qualquer momento me faria se sentir em dívida ao ponto de me abrir com ela.

Elsa se aproximou de mim, segurou as minhas mãos e deu-me um beijo na testa. Então, segredou-me em poucos detalhes os maltratos ocultos no meu universo.

Elsa puxou o telefone e discou três números.

— O que estás a fazer? — perguntei.

— Não vês? A ligar pra polícia — ela disse.

Clicou na tecla chamar.

— Mas... por quê, Elsa?

Impedi-a, recebendo o telefone o mais rápido possível... antes que alguém do outro lado da linha atendesse.

O amor nos move de tal maneira que nos rouba o controlo de nós mesmos.

— O quê? — O olhar dela aprofundou-se de admiração. — Esse homem bate em ti e tu esperas que eu não faça nada! — exclamou. — Desculpa, mas vou denunciar esse maldito.

Puxou outro telefone. Fiquei surpresa, pois me lembro de lhe oferecer apenas um.

— Por favor...

— Quantas vezes será preciso o Avelino bater em ti para perceberes que é crime isso o que ele faz contigo?

— Eu sei, mas... a primeira vez que ele me bateu eu mereci de verdade, eu havia dito coisas feias sobre ele. E hoje de madrugada também mereci, amiga. Ele chegou cansado e provoquei ele.

Só quem amava de verdade podia me entender naquela hora.

— Não me vem com essas desculpas!

Chateada, Elsa voltou a colocar o telefone no bolso.

— Obrigada! — agradei.

— Olha só pra ti! Se o que te impede é o teu amor, então saiba que esse amor um dia vai te matar. Até parece um amor bandido.

— Não fales uma coisa dessas! O amor é o remédio para as dores da vida. O amor é sensato e sangue nenhum corre pelas suas mãos.

— O que esperas que eu diga? Vê o que esse homem, a quem juras o maior amor, faz contigo? Quem sabe do que mais ele é capaz de fazer contigo?

Pequenos fragmentos do evento macabro da madrugada atravessaram minha mente. E pairou um breve silêncio no ar. Refleti naquilo enquanto Elsa fazia uma cara de super chateada comigo. Depois, com a expressão facial um pouco leve, mudou de assunto:

— Não queria te chatear depois disso. Mas já que te recusas a ouvir os meus conselhos, preciso que me emprestes um dinheiro. Prometo que pago logo.

— Quanto precisas?

— Vinte mil Kwanzas.

— Não precisa pagar de volta.

Elsa fez uma cara feia como se não gostasse da ideia de não devolver o valor. Eu estava a acostumar-me às preliminares expressões daquela mulher. Embora Elsa insistisse que eu ficasse em casa a descansar, às pressas arrumei-me e saímos em seguida.

CAPÍTULO DOIS

Enquanto conduzia, lutava para escapar dos pensamentos que surgiam e tiravam-me o sossego. Tentei meter conversa para fugir deles, mas Elsa não me dava a devida atenção. Ela ainda parecia brava comigo. Ela tinha aqueles olhos de caramelo à janela quase intactos. Perdida em alguma lembrança, contemplando Luanda e deixando-se encantar pela voz sensual da *Pérola* enquanto os seus lábios levemente acompanhavam a letra. Parecia mesmo gostar de estar assim: calma e pensativa.

Quando peguei o telefone, vi um monte de chamadas perdidas e mensagens não lidas. Enchi-me de preocupação no mesmo instante, porque voltei a me lembrar de que as chaves do Restaurante ainda estavam comigo. Pisei fundo no acelerador, obrigando Elsa a me olhar fixamente. Chegando ao Golf 2, ao entrar pela Vila Estoril, vi um grupo de pessoas, dentre os quais funcionários e clientes, junto ao Restaurante.

Ao ver aquela imagem de pessoas com os rostos tristes e cansados, alguns em pé, outros sentados em acentos improvisados e agastados, senti-me mal. Tão logo estacionei a viatura, foi possível ver e sentir as expressões faciais daquelas pessoas a mudar devido à minha presença no local. Era como se ganhassem novas energias e

as suas esperanças fossem reactivadas. Saudei primeiro o Eliseu, o segurança, que olhou para mim e sorriu; devolvi-lhe o sorriso. Um sorriso abraçador e cativante, mas também provocante. Era um homem trabalhador e respeitoso. Ele recebeu-me as chaves para estacionar a viatura como devia ser. Em seguida, saudei todos os que ali estavam antes mesmo de ver Elsa a abrir as portas do Restaurante às pressas e convidar o pessoal a entrar. Completamente sentida, pedi as mais sinceras desculpas pelo embarço causado.

— Que exagero, mulher! Não precisa se preocupar com a gente — Natália retrucou, olhando no rosto dos restantes como se quisesse convencê-los de algo.

Natália era uma mulher muito modesta, uma preta bonita de cabelos cacheados e olhos fundos. Uma mulher por quem eu tinha muito apreço. Irritavam-me eram os piercings que, às vezes, usava no nariz no período laboral.

— Não é verdade? — Natália insistiu.

— Sim! — concordaram em uníssono.

Continuou com o seu discurso, falando com repetidos sorrisos místicos no canto da boca. Terminou dizendo que já estava satisfeita por ela ter sido a primeira a chegar. A primeira vez em todos esses anos. Depois deu uma piscadela ao olhar para mim. E os outros simplesmente concordavam com tudo, respondendo “sim” a tudo, balançando a cabeça e lançando leves risadas.

Aquela gente, naquela manhã, estava com carismas nobres.

Ao olhar para aquele lugar, os meus olhos brilhavam de alegria: casa cheia, clientes satisfeitos com a qualidade do serviço, pessoas comendo e conversando — era tudo tão satisfatório para mim!

Contemplei com o coração aberto e viajei por cada canto daquele lugar. Parecia tudo tão leve! Corri os olhos em todo espaço, tentando descobrir algo para o deixar mais atractivo. Não consegui pensar em alguma coisa na hora.

Voltei a anotar outro pedido. Quando regressiei, deixei algumas piadas soltas na mesa que fez o pedido. Enquanto arrumava outra mesa, não deixei de pensar na ideia que se ocultava dentro de mim e isso deixou uma lacuna no meu peito.

— Dona Kiese, aquele senhor aí... — Neusa apontava sem parar para um homem de barba espessa, sentado no fundo.

Ela apareceu de surpresa, então levei um pequeno susto. E a jovem tímida continuou:

— É a terceira vez só nesta semana, chefe. O senhor faz o pedido, come e vai embora — queixou-se preocupada e com medo de perder o emprego.

Neusa era uma jovem insegura, sem fé no seu futuro quando a conhecemos. Por isso, caso não conseguisse um emprego, estava determinada a entregar-se a uma vida indigna para qualquer mulher, pior ainda na idade em que estava. O desespero levava-a a fazer as coisas sem controlo. Ao nos apercebermos do que ela queria fazer com a sua vida, demos-lhe a oportunidade de virar as páginas e escrever a sua própria história. Agora era uma jovem um pouco mais confiante e com uma força para trabalhar extraordinária. Parecia não se cansar.

— Só de lhe ver aqui me irrita. Velho nojento! — Natália resmungou, ao passar por perto, enquanto levava o prato de *calulú* na bandeja. Por fim, lançou um olhar repleto de ódio e desprezo para o velho sentado lá ao fundo. Preferi não comentar, no momento, sobre o que Natália dissera.

— É o sr. Luís Miguel. Não te preocupes! Faz o seguinte: servi-o sempre o último prato do menu — informei.

Após isso, Neusa ficou com o olhar preso para aquela mesa durante muito tempo, tentando descobrir quem era o senhor que tinha atendimento privilegiado. Então, concluiu que só podia ser o dono ou o irmão do dono do Restaurante e que a boa mulher, Kiese, era apenas a gestora. Foram muitas as respostas que ela encontrou para fechar aquele capítulo. Com isso, verificou o menu, voltou a olhar para o senhor e uma chuva de incerteza caiu sobre ela outra vez.

Passado algum tempo, atendi uma mesa onde os clientes abordavam sobre um assunto que me roubava a paz e fazia-me lembrar de coisas que me magoavam. Pedi de imediato para outra pessoa continuar a atender aquela mesa. Convoquei Natália, a subdirectora do Restaurante, para uma reunião na qual apresentei o balanço do mês em curso bem como alguns rácios que mostraram a boa rentabilidade e autonomia do negócio além da folha de salário com o pagamento dos devidos honorários aos funcionários inclusive os nossos.

— Tudo bem? — Natália perguntou, olhando-me estranhamente. Como se soubesse o que estava a acontecer.

— Sim... está tudo bem — respondi.

E, quando Natália me disse que já havíamos tratado daquilo mais cedo antes mesmo de começar a atender os clientes, eu fiquei sem jeito. Natália percebeu que alguma coisa não estava bem comigo, por isso insistia em questionar o que se passava.

O dia findou num ritmo trôpego. Enquanto Natália, Elsa e os outros arrumavam o espaço, eu tentava me concentrar para fazer algo útil. Parecia estranho: eu queria realizar qualquer coisa, mas não conseguia expressar ou talvez estivesse à procura de explicações.

Pouco tempo depois, estava eu parada à porta de casa, a poucos centímetros daquela porta de madeira rara. Hesitei. Eu queria ir para outro lugar menos entrar naquela casa; as lembranças

de certeza me enfiariam de muita dor. Ao mesmo tempo, queria eu ver e ouvir a voz do meu marido. Não entendia o porquê o meu amor ainda ansiava respirar da beleza daquele sentimento. Apesar de ter pintado de preto o meu véu, o meu coração se agitava sem o ter. Que loucura!

Quando entrei, fiquei completamente surpresa com a coisa que fez os meus olhos brilharem: velas acesas, cheiro de perfume, rosas espalhadas pelo chão e a mesa toda enfeitada para um jantar romântico. À dois. Fiquei boquiaberta.

Ali estava o meu marido que começou a se aproximar. Passo a passo, bem devagar. Os nossos olhos namoravam. Antes de eu proferir uma palavra, ele impediu-me, colocando o seu dedo no meio dos meus lábios.

— Só escuta — começou. — Sinto muito por ontem. Eu... bom, eu perdi o controle, eu... ah, você sabe... eu não podia...

Fez um belo discurso, pedindo desculpas pelas suas acções anteriores. Depois daquilo, fiquei incapaz de dizer, de reagir. Caí no seu charme. Estava disposta a perdôá-lo e a esquecer a novela que tinha acontecido mais cedo. Então, beijámo-nos e fizemos amor a noite toda.

Na manhã seguinte, acordei nos braços do amor da minha vida. Comecei a deslizar os meus dedos pelos seus ombros largos e musculosos. Toda colada a ele, deixei a vida me levar. Deixei-me levar naqueles sorrisos radiantes e olhares penetrantes.

CAPÍTULO TRÊS

*Eu não estou preso
Não passo por crise alguma
Estou perdido, sim, confuso
Mas não preso*

*As palavras estão aqui, segredadas
Elas só não aprenderam a falar
Algum dia elas aprendem a caminhar
E, com o tempo, aprendem a ser sozinhas*

*Estas folhas jamais estarão em branco
Enquanto o universo me deixar pensar
Falar, amar...
Nesses intervalos*

*Em mim, está escrito
O poema que se perdeu enquanto o vento brincava
Os caminhos do poeta
A chuva cai, cai para esconder os passos feridos
E as lágrimas*

*As lágrimas são gotas de sangue
Que desenham um céu em chamas*

As palavras do poeta abriram parênteses em mim, ficaram cravadas no meu peito. Senti-as com grande impacto. Algo sobre mim elas diziam...

Voltei a mudar a sintonia do rádio. Na Rádio Cinco, tocava um som que assaltava as tristezas, os rostos amarfanhados de dores e que adiava as dores na barriga toda vez que rompia as entranhas e instalava um antivírus contra a fome. De repente, senti as minhas pernas como que a querer dançar. E, num ápice, era já todo o meu corpo.

Era uma sensação agradável, sentia-me feliz, livre e bastante leve. Perder-me naquele Kuduro anestesiou-me para centenas de vidas deixadas às margens do tempo. Assim que passei o Aeroporto Quatro de Fevereiro, vi uma coisa que despertou as minhas ideias e aquela coisa oculta, que persistia em mim, manifestou-se na hora.

Eu fiquei entusiasmada para partilhar a ideia.

Quando cheguei ao trabalho, fui surpreendida com uma pequena festa surpresa. Fiquei maravilhada e, no meio de toda aquela gente amiga, funcionários e clientes — eu vi o meu marido. Jamais imaginaria aquilo... que surpresa tão surpresa! Mas algo em mim dizia que o dia não acabaria daquele jeito. Mais surpresas me aguardavam ou talvez estivesse a ser bastante otimista.

Já agora, como eu pude esquecer do meu próprio aniversário?

Apaguei a vela e recebi um monte de presentes. Depois de uma boa convivência, retomamos ao trabalho.

Reuni com Natália, Elsa e outros; toda empolgada, apresentei a ideia. Todos acharam brilhante. Naquele momento, as imaginações voaram alto e outras ideias foram surgindo. Definimos o seguinte: de segunda a sexta-feira haveria música ao vivo e, três

vezes por semana, teríamos poesia e outras demonstrações de arte. Na hora, foi feito um pequeno orçamento para montar o palco e comprar alguns equipamentos imprescindíveis.

Algumas horas depois, quando cheguei a casa, Avelino tinha se superado; fiquei mais louca por ele naquele dia quando vi o que havia preparado para mim. Tivemos uma noite louca de amor.

No dia seguinte, deitados na cama com o frescor da manhã que reluzia intensamente. Abracei desejosa o meu marido sem vontade de deixar escapar qualquer segundo.

Era domingo, o sol nasceu como um menino que corria atrás de diversão sem medir o perigo, entusiasmado e cheio de desejos ardentes. Já tínhamos acabado de almoçar. Funge de fuba de milho branco, feijão de óleo de palma, molho de carne de cabrito e rama frita foi a refeição. Estávamos tão cheios que nos limitamos a fazer pequenas coisas: lavar a loiça e arrumar a cozinha. Perdêmo-nos em conversas.

Sem nada a fazer, consultei a lista de itens por se comprar. Com isso, peguei o telefone para verificar o saldo do cartão de débito. Ao ver o resultado, levei as mãos à boca e depois à cabeça. Fiquei pasmada! O cartão estava completamente vazio!

Olhei para o meu esposo enquanto ele se entretinha com o computador, perguntando-me o que ele tinha feito para gastar tanto. Arrumei-me, disse a ele que sairia por algumas horas e liguei para Elsa, pedindo para nos encontrarmos no jardim da Vila Alice.

Posto no local combinado, contei a ela o que estava a se passar.

— O que queres que eu diga? — ela interrogou, já impaciente, enquanto me ouvia. — Olha só pra ti! Estás tão cega que não consegues ver os sinais.

Olhei para Elsa com aquele olhar que anunciava a certeza que eu tinha de que, dessa vez, ela estava certa.

Continuou:

— Se o Avelino mexe nas tuas coisas...

— São nossas coisas! — corrigi.

— Possas... Tanto faz! Mas se ele mexe sem te avisar, então está a te roubar.

— Eu acho que ele só se esqueceu de me falar.

Elsa suspirou fundo e, em seguida, disse:

— Conversar contigo não tem jeito. Vives a reclamar, mas deixar que é bom... nada!

Mantivemos a conversa cada uma defendendo um ponto divergente até que se fez tarde e despedimo-nos. Quando cheguei a casa, eu não tinha certeza do que fazer, porque se eu perguntasse e o meu marido se sentisse ofendido, zangar-se-ia comigo na hora. Tentava a todo custo ganhar coragem para proceder e, quando me senti preparada, chamei-o com carinho, baixinho e a gaguear. Depois disso, impedida pelo receio, não consegui ir mais além. Sentia um frio na barriga. Ele olhava-me à espera que eu dissesse qualquer coisa. Mas eu fiquei aí parada, com as palavras presas na garganta e com medo de o aborrecer.

De repente, ele abriu mais os olhos e todo o seu rosto ficou iluminado como se tivesse lembrado de algo.

— Ah, já ia esquecer... — disse —, tive que usar o teu cartão.

Então, ele explicou, em detalhes, sobre os gastos. Antes disso eu estava cética, mas, ao ouvir a justificativa, fiquei mais tranquila. Ele inclusive pediu desculpas por não ter avisado antes. Eu encarava

tudo aquilo como sinal de que ele estava a voltar ao seu estado natural.

O tempo passava num piscar de olhos, corria na velocidade de um motor de dois mil cavalos. Nessa fase, o tempo caminhava desnorteado, como se tivesse sido traído e não mais queria saber quem ele namorava. Para o tempo, todas as estações serviam e não tinha problema em se deitar com todas elas num só mês. Um dia, desses em que o tempo não sabe quem namorar, o meu marido chegou a casa encharcado de um grande romantismo. Tentava a todo custo compensar-me pela forma como me tratou quando lhe ofereci trabalho lá no Restaurante. Recusei-me a cair no jogo dele outra vez. Neguei prontamente; estava farta de ser boba e de fingir que nada acontecia. Muitas desculpas e promessas. Cansai. O espírito dele era tão mutável quanto a fome do nosso amor... tal e qual o humor de Cármen que era tão relativo para com o seu Patrício quanto o tempo entre eles. Porém, eu não queria ter o destino triste e amargo de Cármen.

Ressentida, perguntei:

— Marido, por que me tens tratado com dureza? O que os teus olhos descobriram de ilícito no meu amor? Se já não tenho o teu doce amor, diz-me. Melhor chorar de uma vez do que paulatinamente; é mais doloroso.

— Ó, minha querida, o teu rosto está triste; culpa do teu marido. Mas alegra-te! Recebe esta flor e junto um beijo que irei selar nos teus lábios. Mostro o meu maior arrependimento.

Segurei-me, lutei para não me deixar cair. Ele até tentou de todas as formas me persuadir, mas resisti. Avelino ficou parado por muito tempo sem falar uma única palavra. Foi então que, fitando-me com um olhar sem cor, desenhou um leve sorriso, um sorriso ridículo.

— Perguntas sobre a minha saúde como se tu não conhecesses a minha dor!

Fiquei assim... sei lá! Confusa.

— Eu acho muito egoísmo... numa casa como esta viver apenas duas pessoas — acrescentou.

— Do que falas?

— Kiese, pára! — pareceu-me chateado.

— O que é? Vais bater em mim? Vai, vai em frente! Parece que é a única coisa que tens feito direito.

Tapou o rosto com as mãos como se tentasse se segurar. Então, declarou:

— Essa coisa de ser só nós os dois... é uma merda!

— Que coisa... não entendo!?

— Pára de fingir, Kiese.

— Eu não estou a fingir nada.

— Abdicas-te de ter uma criança agora, vives falando em planeamento. Desculpas daqui e acolá, tantos blá, blá, blás... eu acho muito egoísmo uma pessoa pensar apenas em si. Não estou disposto a viver assim — desatou um olhar firme. — Já não dizes nada a respeito, aliás, vives adiando a nossa criança. Não tenho nada pra contar quando os meus amigos falam das suas experiências com os seus filhos. Serei sempre vaiado, porque não sei nada sobre o que é ter filhos... sou virgem nesse mundo. Ainda tenho as minhas irmãs que vivem me desrespeitando... *«não tem cú pra engravidar!»*. Dizem elas.

Ouvir aquilo doeu. Feriu-me. Ele sabia como me magoar. Aquelas palavras empurravam-me contra a parede e asfixiavam-me. Senti-me muito mal, contudo fingi ignorar.

Provoquei:

— Então... és virgem, Avelino?! E é por isso que tu tens me forçado a usar maquilhagem?

— Sério isso, Kiese?

— Foste tu quem começou a mudar de assunto. Agora eu quero saber quem são essas piriguetas com quem ficas a andar por aí — reclamei.

Ouvindo aquilo, ele começou a bater chuvas de palmas. Aplaudindo, exclamou:

— Nossa! Você se superou!

— E tu devias ter vergonha. Homem casado... fica aí a meter conversa com meninas.

— Pára de imaginar coisas! Não me provoques, se não serás tu a ficar triste. Queres isso? Então, melhor parar com isso. Ou preferes que eu conte nos dedos as noites em que me deitei na cama das minhas amantes?

Absurdo.

Eu senti uma grande vontade de gritar na cara dele. Parecia dar muito prazer. Sendo assim, pirei. Talvez para minimizar a dor. Não sabia ao certo o que me dera na cabeça. Despi-me, deixando, então, o meu corpo exposto aos seus olhos carnívoros. Ele olhava-me com desejos ardentes, comendo-me de todas as formas com os seus olhos enquanto eu perguntava para ele se ainda lhe dava prazer. Depois, dancei loucamente; nem eu sabia se aquilo podia se chamar de dança, pois eu era péssima a dançar. Mas eu vi naqueles olhos miúdos uma chuva de lubricidade.

Sussurrei no ouvido dele:

— Sou tua. Somente tua, Avelino! Fazes o que quiseres comigo.

Claramente estava a obrigá-lo a me ter da forma mais violenta. Fiz tudo isso enquanto todas as suas confissões arranhavam-me o corpo. Entreguei-me de um jeito muito imprudente e prescindível, sem querer me importar com o que faria

comigo a seguir. Essa não era a minha imagem. Pouco tempo depois os nossos corpos arderam de calor.

Ao me vestir e com a cabeça cheia de perguntas, ele tossiu e disse em seguida:

— Kiese, tu és a mulher a quem os meus olhos têm o prazer de contemplar todos os dias quando o sol da manhã se espalha no seu rosto, o meu amor por ti é fervoroso. Amo-te com todas as forças. Mas se tu não me dar o gozo de ter uma criança, não prometo nada. Eu não sei viver em dívidas!

Pareceu infeliz.

Olhei nele e vi o rosto caído, olhos tristonhos e rugas de cansaço enquanto falava. O meu olhar lapidava a censura daquele sonhar.

Por mais que eu o odiasse, ele estava certo. Com isso, fui completamente aniquilada pelas suas palavras. Entrei em partos de pensamentos, sentei na cama cabisbaixa e sem ânimo para nada. E o pior: eu não sabia o que dizer nem como reagir a tudo aquilo. Era uma verdade nua e crua. Tão nua e crua que embrulhava o meu estômago e obrigava-me a procurar soluções... ainda que isso significasse deixar o mundo de cabeça para baixo. Entretanto, mal sabia eu que os próximos dias reservavam para mim angústia aos montes.

CAPÍTULO QUATRO

Havia dias que eu não sabia como me sentia. Às vezes, parecia como se estivesse a caminhar em círculos. Acabava sempre tendo a mesma agonia e com grandes vontades de abdicar de tudo.

Tudo mesmo!

Eu sabia que era muito e não teria controlo se piorasse. Ainda assim, entregava-me de corpo e alma. Sabia que não podia, mas como evitar as dores que se maquilhavam com as minhas cores?

Eu estava em pé, com os braços apoiados naquela janela espessa de vidro transparente, o meu olhar luminoso fixo na visão mais prazerosa de sempre. Eu enxergava as crianças que acabavam de vir ao mundo.

Quando os meus olhos penetravam os olhos daquelas criancinhas, bebês tão indefesos, tão pequenos que eram... inocentes no mundo... eu senti tudo mudar. Elas causavam-me um efeito esquisito, uma sensação inefável. Eu ganhava asas e sentia vontade de vasculhar os céus, sentir na voz do vento um poema de liberdade.

Bem-vindas a este mundo de dor, mas de grandes sonhadores.

Eu sabia que estavam felizes. Chorarão, mas serão lágrimas de gratidão pela vida. O caminho era este, havia um céu anil e

intrigante, mas que abençoava com chuva e fazia brilhar a luz dos astros.

Os pensamentos entoavam uma canção estranha e dançavam uma coreografia desconhecida. Era adrenalina pura.

— Senhora Kiese, bom dia! Saúde e vida? — Com o rosto gordo de sorrisos, Albertina encontrou-me e ofereceu-me de imediato um abraço forte. Ela cobriu-me o rosto com dois beijos na bochecha. Depois extasiou-se com a roupa que eu vestia.

— Apenas Kiese, amiga. — Fingi ficar tímida.

Albertina desenhou um sorriso no rosto, organizou os óculos, movendo a cabeça da esquerda para a direita ao mesmo tempo que repetia a frase: “vou tentar”.

Entreolhamo-nos. Abanei a cabeça. Albertina tinha um jeito de brincar muito caricato. Continuou a falar, o rosto manteve-se gordo com os belos sorrisos que só aquela mulher sabia pintar e os olhos fechavam-se a cada pintura.

Imaginei algumas cenas quando a parteira começou a contar várias experiências sobre o medo de algumas mães de primeira viagem, as dificuldades que essas mães provocavam durante o processo, o trabalho a dobrar que algumas mulheres davam, bem como sobre aquelas mães que pareciam já bem experientes e seguras de si. Ela contou um monte de histórias, piadas e até fofuques sobre os partos que fazia. Fartámo-nos de rir.

Ler aqueles olhos era sentir as mil vidas que ela ajudou a trazer ao mundo. Era o chorar e o sorrir de alegria. Sentir o corpo arrepiado e lançar-se numa evasão de sentimentos. Ler os olhos e o rosto de Albertina enfurecia-me de prazeres, era como ter uma noite de paixão na cama de um homem fioso.

Ela abriu a porta do berçário, convidando-me a entrar em seguida.

— Amiga, entra!

— Ah, não... não quero te dar mais problemas — recusei.

— Oh, imagina! — exclamou. — Ninguém se importa. —
Enxugou os olhos.

— Não... por favor, vocês têm regras aqui. Não quero causar problemas; estou bem aqui.

— Deixa essa coisa prá lá!

Reclamei sobre o quanto a petulância dela em ignorar as coisas dava-me medo.

— Vejamos! — pretextou. — Tu nos visitas quase sempre há mais de dois anos. Mas limitas-te em contemplar só dessa janela de vidro. Sem ainda mencionar as contribuições que nunca falharam. Estamos em dívida contigo — reforçou.

— Ah... não acredito. Tudo bem!

Quando entrei e senti a atmosfera daquele lugar, vibrei de emoções. Um desejo delicioso arrepiava-me o coração.

— Obrigada— agradeçi.

Ela olhou-me e, com um semblante mascarado, disse que era um prazer no mesmo instante em que um sorriso novo acabava de inaugurar o seu lindo rosto. Depois apresentou-me a mocinha Mankenda. Era tão linda! De olhos profundos e dona de um nariz bem pequeno. Mankenda, na língua de Albertina, significava “*algo ou alguém que dá pena*”. A forma como a mãe a recusou deu muita tristeza, pesar... muita pena mesmo! Por isso, ganhou aquele nome.

— Mulheres que se recusam a ter um filho mereciam ser castigadas. Não compreendo... coitadas das crianças cujas mães escolhem abandoná-las! — comentou.

— Como pode existir pessoas assim? — perguntei.

— É um desastre! Com que coragem negam a vida a uma criança muito antes mesmo do feto se formar de concreto? Umás jogam os bebés no lixo e outras atiram-nos em valas. Não vês o jornal?

— Não! Prefiro pensar, aliás, ler apenas. Mas existem, sim, muitos casos desses.

— Eu cá se não assistir fico doente. Já agora, as tuas doações ajudam muito essas crianças. Mulheres inférteis encontram aqui a oportunidade de criar uma criança.

Fiquei radiante com aquelas informações.

Depois disso, ela voltou ao trabalho. Voltei ao outro lado da janela a fim de continuar a olhar para as divinas criaturas e sonhar alto.

Nesse dia, demorei mais que o habitual. Aquele lugar me trazia paz e permitia conectar-me com o mundo. Horas depois deixei a Maternidade Lucrecia Paim com um olhar de saudade.

Quando cheguei ao trabalho, Natália abordou-me logo na entrada. Percebi na hora, por meio das informações que me forneceu, que estávamos com problemas de stock que poderiam condicionar o trabalho do dia. Com tudo o que acontecia na minha vida, acabava por me esquecer com certa frequência de algumas coisas. Aquilo não era nada bom, pois sempre aparentava ter tudo sob controlo em qualquer situação. Os últimos acontecimentos baralharam-me.

Eu dediquei-me a esse lugar e à minha vida de corpo e alma. Duas coisas que duraram anos para construir. E agora sentia como se estivesse prestes a ver essas duas coisas a se destruírem em tão pouco tempo. Era natural sentir-me fracassada, mas eu não podia me dar ao luxo de deixar o sentimento permanecer em mim.

Fiquei a estudar as melhores formas de contornar as makas que nasciam. Por coincidência, Natália e Elsa prontificaram-se a partilhar as suas dores de cabeça.

Há dias que sentia alguns sintomas estranhos, então pensei numa possível gravidez e enchi-me de alegria e esperança. Se fosse uma criança, não tinha motivos para me esconder, sendo que há

tempos que vinha tentando engravidar... mesmo mentindo para mim mesma. Uma dor que sentenciei o meu coração a suportar.

Ganhei coragem e tirei da bolsa o teste de gravidez quando, inesperadamente, o sr. Luís Miguel atravessou a porta do escritório sem sequer ser autorizado, anunciando o aumento da renda. Aquele anúncio irrigou-me de raiva. A cabeça doeu-me outra vez. Era como se aquele dia fosse projectado só para aquilo: *receber as piores notícias*.

— Mas, sr. Miguel, sem querer ofender, o senhor come cá quase todos os santos dias sem gastar sequer um tostão do próprio bolso e, ainda assim, quer aumentar a renda!?

— Ofendeste-me! — zangou-se. — Eu te subestimei... — Sorriu não sei de quê. Depois acariciou a barba espessa que tanto idolatrava. — Veja só pra isso! — Contemplou o Restaurante com os braços estendidos. — Quem diria que este lugar estaria assim... magnífico! Mesmo se eu tivesse a mesma força que tu, não seria tão esperto ao ponto de deixar este lugar desse jeito — os olhos dele brilharam. — Não te queixes, ok? Olha, vai subir só um pouquinho, tá? — mediu com os dedos.

— Temos a conta da água e da energia — lamentei.

— Ó, mocinha, não vim cá discutir. Se não quiseres, arruma as tuas coisas e vai! Tenho certeza que há gente interessada a pagar muito melhor — disse com uma satisfação leve no rosto.

Caraças... Puta que pariu! Resmunguei dentro de mim.

Acreditei que poderia fazer o sr. Miguel mudar de ideia assim que sentássemos, mas foi pior. Ele exigiu que as coisas mudassem de imediato. Mas eu não podia tolerar aquilo. Eu estava disposta a abrir um processo, porque o sr. Miguel violou o nosso contrato de arrendamento.

E agora?

Possas!

O que fazer?

Como ultrapassar isso?

Perguntava-me dia e noite. A minha cabeça estava um tanto quanto baralhada, não sentia sossego nem conseguia apaziguar o meu coração pobre e triste. Dentro de mim sentia como se eu fosse um vulcão a segundos de ceder.

Sem saber onde fugir, voltei à Maternidade.

Quando cheguei àquele lugar, ao me conectar com aquelas criaturas, senti a paz necessária e imaginei uma vida ali. Resolvi sair e comprar três grandes hambúrgueres. Voltei e desliguei o meu smartphone. Eu estava outra vez do lado de fora da mesma janela de vidro a apreciar as crianças. Fiquei lá até a meia-noite. E, quando saí daí, senti-me curada dos sentimentos que atingiam a minha vida e até me levavam o mais perto possível dos confins da dor.

Senti-me tão leve!

Já era outro dia. O desabrochar do Sol vinha com a sua magnitude deslumbrante. A vida corria-me com mais fervor e o meu coração batia por desejos intensos. Sem perceber, eu sorria. E o meu sorriso igualou-se ao da Albertina. Não sabia o porquê. Nem ousava descobrir. Bastavam-me aqueles preciosos instantes de paz.

A experiência de ontem plantou sementes dentro de mim.

No mês seguinte, declarei o meu amor por uma criança. Finalmente, eu disse “sim” ao desejo que vezes sem conta abusava as minhas noites. Recuperei a nossa honra e casei com o sonho — *o sonho de ser mãe.*

E, na noite a seguir, foi a noite de núpcias. Girei o mundo da cabeça aos pés procurando soluções para o meu dilema; andei, toquei em todos os cantos da terra com desejos ardentes, delirei com

os prazeres que me queimavam a alma. Era tão intensa essa forma de amar acompanhada das carícias que a vontade de ser mãe me dava com amor. Infelizmente, pouco tempo depois, cansei do desejo de ser mãe da forma correcta. Eu não achava soluções para os meus problemas. Sendo assim, busquei a cura em caminhos mais escuros. Traí o desejo puro e imaculado, deitei-me várias noites em outros leitos por prazeres proibidos a mim.

Ó, minha pobre alma, que prazer é esse de querer amar que é autoritário e desperta o teu desespero? Que violenta ternura é essa, mulher de poucas ilusões?

A minha sede por um filho era sublime. Porém, mais tarde o tempo denunciou a frieza do meu pecado. Um dia olhei para o céu e confessei todas as minhas falhas. Então, voltei para a minha amada e aceitei o meu destino. Não queria voltar a me perder nas carícias de coisas que me eram proibidas e com amantes fogosas.

Essas viagens ao desconhecido, essas metamorfoses que eu passava por cada experiência acarretavam consigo doses de culpa. Eram sentimentos tóxicos que me assaltavam as forças.

Eu acabei por voltar, sim, voltei para ter um filho de forma certa e pura.

CAPÍTULO CINCO

O sacrifício é, sem dúvida, a forma mais pura e sincera de amar. Porém, vale a pena se sacrificar por alguém que se mostra indisponível a lutar contigo? Por que passar por isso?

Eu estava determinada a oferecer o meu amor ao meu marido que não reparei no quanto estava a ser demasiado submissa a ele.

Agora, o quão longe posso ir?

Quando essa pergunta chegou, eu não soube como responder. Tudo que eu tinha era *amor*. Quando amamos, pensamos que é a única coisa que importa. Mas, pela miséria de Shakespeare, não só do amor vive uma relação. Eu podia acreditar que estava perto de atingir a plenitude da existência nessa coisa de estar a caminhar de mãos dadas com as dores, de alma nua e com o rosto a sangrar. Entretanto, escolhi acreditar na força do amor. Na opulência. No além.

O amor transforma... tarde ou cedo.

No momento, não me importava com a quantidade de coisas que fazia pelo meu marido nem com as lutas, ainda que violentas, enfrentadas em nome do amor. Contudo, por quanto tempo estava disposta a tudo? Ou o quão longe eu podia ir?

Afinal, a clínica que encontrei para o tratamento do meu problema em engravidar era mesmo segura? Essas dúvidas arranhavam minha alma, mas preferi me manter focada e com a mente positiva.

Era feriado e, nesse dia, o meu marido não se aventurou nas suas missões secretas. Passou o dia inteiro em casa, com os olhos grudados na TV; limitava-se a assistir jogos e filmes. Foi nessa ocasião, em que fiquei em frente ao televisor, importunando-o. Não tardou para ele zangar-se na hora.

— Marido, encontrei uma clínica milagrosa — comecei, interrompendo o seu rugido feroz. — Essa clínica tem a solução para mim — esfreguei as mãos na barriga, alegre e esperançosa. — Eles me garantiram que, em breve, teremos uma criança a destruir tudo nessa casa... e vamos nos irritar muito!

Anunciei empolgada e o sorriso escapuliu-me pelo canto da boca.

— Tá bem! — respondeu.

Ele olhava-me sem esperança, como se estivesse farto daquilo. Ele estava a desistir. Não podia culpá-lo por aquilo; eu tinha de ser forte por nós.

A clínica vai me ajudar mesmo!

Elsa chegara mais cedo que o combinado, pois estava muito expectante para passar aquela noite comigo. Expliquei-lhe o motivo que me fez adiar tanto aquele momento horas antes quando lhe fiz o convite. O meu marido estava de viagem para visitar a avó no Cunene. Com o humor a ferver, Elsa não me poupou dos seus atrevidos comentários.

— Oh, aié!?! É só já olhar — susteve a raiva. — O miúdo não trabalha, não faz nada... mas viagem daí e daqui é bué.

Fingi não ouvir a sua provocação.

— E veja só! Sempre que falas com ele sobre estas coisas, o infeliz adianta-se com uma desculpa bem elaborada.

Pensei naquilo. Reconheci que ele pouco me apoiava. Eu também não o podia culpar; a frustração por não lhe dar uma criança levava-o a ser frio comigo e tornava-o infeliz. Por isso, a clínica era a minha única esperança.

À noite comemos de tudo um pouco e quase que acabávamos o que estava na geladeira caso os nossos olhos não se cansassem e o estômago não se rendesse.

No dia seguinte, fomos à clínica Santa Isabel com a ânsia que me enchia de forças e com o recibo de transferência dos valores bem guardado numa bolsa. Começar o tratamento era algo que me empolgava, minha alma fervia só de imaginar.

— Olá! Bom dia! — saudei a moça da recepção da clínica. — Vim ter com o senhor Fonseca Panzo.

A moça da recepção olhou para nós como se não entendesse do que eu falava.

— Desculpa, senhor quê?? — retrucou.

— Fonseca Panzo, moça — Elsa avançou. — Viemos ter com o responsável da clínica.

De repente, não sei de onde veio, mas um sentimento de medo e pavor dominou o meu espírito.

Não... *Relaxa, Kiese, relaxa... vai ficar tudo bem.*

— Amiga, você tá bem? — Elsa reparou no meu silêncio prolongado. — Moça, por favor, podes avisar o responsável que estamos aqui?

A recepcionista levantou-se da sua cadeira e foi para uma sala que parecia ser do responsável que me foi apresentado naquela madrugada tristonha, quando eu saía da Maternidade. E, como

faíscas de luzes, minha mente foi varrida pelas memórias vívidas daquele dia.

Quando saí da maternidade, senti-me curada dos sentimentos que atingiam a minha vida e até me levavam o mais perto possível dos confins da dor.

Fora, na estrada, havia um senhor parado perto do meu carro. Ele usava um terno cinza e uma gravata meio azulada que deixava ele ainda mais elegante. Sua barba era quase perfeita.

— Uma mulher linda como você não devia estar a andar sozinha uma hora dessas — ele disse, sua voz grossa era hipnótica. — Você parece infeliz.

Não respondi... Abri a porta do carro, mas ele continuou...

— Só tem dois motivos que fariam você frequentar este lugar tantas vezes assim.

Fiquei estática na porta, de alguma forma, ele conhecia as minhas visitas naquele lugar. A questão era saber como ele sabia.

— E quais seriam esses dois motivos? — questionei, deixando escapar um sorriso falso. Minhas pernas começaram a tremer.

— O primeiro é óbvio: você não pode ter filhos.

Engoli aquelas palavras como pedras quentes em minha garganta.

— E o segundo?

— Você se sente bem quando fica perto de crianças. Você é uma boa mulher.

Entrei no carro. Ele sabia muito sobre mim.

— Eu conheço alguém que pode ajudar você — gritou quando perceberem que coloquei a chave na ignição. — Fonseca Panzo, é meu amigo e pessoa de confiança. Ele é dono de uma clínica milagrosa. Ele tem a solução pra você. A clínica dele fará você ter uma criança bonita... e, pode confiar em mim, essa criança vai ser forte e capaz de destruir tudo em casa... você vai se irritar muito!

Ainda que tudo fosse mentira, eu estava disposta a crer naquilo. Eu estava disposta a pagar o que fosse para ter uma criança em meu colo, não importava o preço. Não importava como, mas eu queria uma criança.

— Toma — ele aproximou-se da porta do carro. — Abaixa o vidro, por favor, eu não vou te fazer mal. Sou servo de Deus, só quero ajudar.

Minha mão não me obedeceu. Lá estavam os meus dedos procurando o botão para baixar o vidro. Assim que teve um pequeno espaço, ele colocou a mão e entregou-me um pedaço de papel com as informações do dito Fonseca.

— Quando você estiver pronta é só ligar pra ele. Diz que foi o Lussati quem recomendou você.

Recebi e voltei a subir o vidro. Liguei o motor e saí sem dizer nada.

No mês seguinte, decidi que era a hora de tentar engravidar. Mas não liguei para o Fonseca. Decidi tentar por outros caminhos. Andei em valas e montanhas frustrantes. Nada dava certo, até que um dia... eu estava exausta de tentar e não ver resultados. Peguei no meu smarthphone e liguei para o Fonseca.

— Amiga... amiga...

Voltei ao presente com as cutucadas da Elsa em meus ombros.

— Kiese, você tá bem? — ela perguntou preocupada.

Uma gota de lágrima escapou de meus olhos.

— Amiga... — eu disse. — Acho que fui burlada.

— Não fala isso, a recepcionista já foi chamar o senhor Fonseca. Vamos aguardar.

— Não... eu fui ingênua.

A recepcionista regressou, não com o senhor Fonseca, mas com uma mulher gorda e clara. Ambas vinham preocupadas.

— Quem é que foi enganada desta vez pelo Fonseca? — a mulher clara perguntou. — Esses dois burladores não aprendem. Você se encontrou com um deles quando?

Eu não pude responder. Fiquei arrasada, a dor arranhava o meu corpo e seduzia o olhar do meu coração. A dor era profunda, tão tirana que se apoderou das minhas forças. Abraçou-me forte e largou-me num mar de lágrimas. Tudo isso era como se eu estivesse

a caminhar vagamente numa terra pequena e, em cada passo, o caminho fugisse de mim. Os pés doíam.

Furiosa, perguntava-me como existiam pessoas com corações tão duros feito pedra.

Eu não entendo...

Como um ser racional se aproveitaria de alguém em estado gravemente sensível?

Não é justo!

Os delírios que me queimavam de tanta decepção e os meus gritos de dores podiam ser ouvidos em todos os cantos do meu mundo. Saímos da clínica arrasadas. Elsa me consolava durante o regresso.

Os dias eram-me escuros. Tenebrosas tempestades relampejavam-me por dentro.

Ó, quão amargo têm sido os meus dias!

Diante do espelho... olhei para uma mulher completamente ferida, cheia de desejos abortados. Fiquei toda pálida ao vê-la ferir os próprios pulsos e a sorrir da própria dor. Era um sorriso frio que escondia uma dose de dores. O sangue saía-lhe das veias.

Estava nas profundezas dessa vida triste afogando-me no voto das correntezas de forma amarga.

A mulher, que aos meus olhos era uma doce e ingénua criatura, ficou a contar nos dedos manchados de sangue as antigas angústias. A bela criatura parecia inconsolável. Voltou a olhar para o espelho com um ar corajoso. Firme na marcha.

Cantou e orou como o Salmista entrega as suas lamentações a Deus. A voz dela era doce como o mel, as suas preces eram mais finas que uma lira e tão suaves como uma harpa. As palavras embalavam-se nos seus lábios como a alma de Salomão se embalava

nos seus poemas de amor. Ela clamou. Entregou-se àquela súplica de corpo e alma, rogando por um milagre. Os pedidos dela por uma bênção foram os mais ardentes que uma voz podia recitar.

CAPÍTULO SEIS

A minha vida estava bem bagunçada! Com as poucas forças que me restaram, trabalhei arduamente, afoguei as mágoas no trabalho e, com esse novo subterfúgio, fiz do trabalho a minha única vida.

Percebi que tinha de ser humilde para aceitar o meu destino, por mais difícil que fosse. Aliás, não seria a primeira nem a última mulher na face da terra a viver sem um rebento.

— Tudo bem, contando que nesse dia não trabalhes — estabeleceu confuso. Encarou-me com aquela expressão esquisita... como se não estivesse certo sobre aquilo.

Não sabia se o meu marido não queria que eu o acompanhasse ou se desprezava o lugar que escolhi para comermos. Liguei para Elsa e expliquei que naquele dia receberíamos visitas importantes no nosso restaurante: dois investidores com quem o meu marido queria fechar negócios. Exigi o melhor serviço de atendimento aos meus funcionários.

Enquanto isso, passei a tarde toda a experimentar vestidos e a escolher calçados e perfumes. Inclusive maquilhei-me sem ser forçada. Quando Avelino me viu arrumada, os seus olhos deslumbraram-se, o seu olhar correu por todo o meu corpo,

deliciando a minha beleza. Aproximou-se, pegou as minhas mãos e beijou-as.

— Estás maravilhosa!

Eu sorri. Ele voltou a dizer o quanto eu estava linda e eu fiquei sem jeito. Toda tímida. E, enquanto olhava para ele, vi o seu olhar me queimando adentro. Cruzamos os braços e caminhamos a passos elegantes para a vida.

Chegamos ao restaurante vinte minutos antes do previsto. O meu marido aproveitou orientar-me sobre como proceder. Parecia endeusar os homens que estava por conhecer. Finalmente, os convidados entraram pela porta principal. Ele apresentou-me aos esbeltos convidados: Nelson Santos e Carlos Neto.

Muito antes de olharmos o cardápio, o meu amor mostrou o plano de negócio que havia elaborado para os convidados.

— Avelino, relaxe. Teremos muito tempo para isso — Carlos admoestou. — O melhor mesmo seria aproveitar o jantar.

O meu marido voltou a guardar o documento cabisbaixo. Fez uma cara feia, punindo a si mesmo por se precipitar demais. Os convidados começaram a meter conversa, perguntando um monte de coisas sobre nós.

Nelson correu os olhos com admiração, por todo espaço, delirou com a voz encantadora de uma artista que interpretava uma bela canção da exímia cantora angolana Selda. No final da actuação, levantou-se e começou a aplaudir com muita força e com um brilho nos olhos.

De uma forma natural, comecei uma conversa sobre a atitude que ele acabara de ter e, como conversa puxava conversa, chegamos a partilhar a mesma opinião em relação à porta que dava acesso à cozinha. Eu bem avisei a Natália que, se um dia viesse alguém com um olhar mais peculiar, acharia o feito daquela porta ridículo.

Mergulhamos em ideias que movimentariam o mundo.

— É machismo isso! Não acha as mulheres capazes de se tornarem artistas originais? — rebati um comentário que ele tinha acabado de formar.

— Não é nada disso! Se fosse você, aí sim! — dobrou as pernas e ficou a olhar-me com intensidade.

— Desculpa interromper, Nelson. Mas estou curioso, o que você faz da vida? — Carlos perguntou-me.

— Um dia uma mulher, já muito velha, mas linda e sábia, decidiu escrever num papel todas as suas receitas e passar para a sua neta. O que eu sou? — perguntei.

— Cozinheira...? — Nelson arriscou com dúvidas.

Carlos caminhava na estrada da incerteza.

— É a herança que essa mulher deixou para a sua neta — confirmei.

— O lado investidor eu acho que vem do marido. Mas como uma cozinheira sabe tanto sobre arte? — Nelson insistiu.

Carlos entretia-se com a conversa.

— Depende! Qual é o seu conceito de arte? O meu conceito parte da universalidade. Assim, para mim, cozinhar é arte; é a arte de criar sabores novos — eu disse.

Carlos ficou encantando e encarando-me com os ombros firmes e voltados para frente. Olhei para o meu marido e ele parecia chateado. Estava com um semblante feio, embora se esforçasse muito para esconder isso. Eu pude perceber que ele sentia-se ameaçado por mim, pois quando tentava falar qualquer coisa, não ganhava a devida atenção. Os seus assuntos eram postos de lado. Então, moderei e deixei-o ser a atracção da noite. Mas os convidados ficaram tão deslumbrados pelos universos que os fiz visitar que não paravam de meter conversas do tipo. E o meu marido continuava a olhar-me com uma expressão de raiva. Aquela forma de olhar fazia-me se sentir culpada, por isso pedi-lhe o

documento e mostrei aos seus convidados para uma observação cuidadosa. De seguida, dei um toque nele, avisando-o que era chegada a hora de proferir o discurso que havia treinado.

Os investidores acreditaram nos seus instintos e decidiram que era certo investir no novo projecto do meu marido na certeza de que o seu dinheiro retornaria são e salvo junto de uma recompensa como bônus.

Apesar de tudo, o meu marido lançou-me um olhar estranho que culminou com uma conversa no fundo da cozinha horas mais tarde.

Ele gritou comigo todo zangado. Mas, lá no fundo dos seus olhos, eu podia ver o pequeno sorriso que tentava esconder no canto inferior da boca, o brilho de alegria que ele não sabia admitir. Tentei tranquilizá-lo, contudo parecia mesmo querer ficar brigado comigo. O ego produzia nele arrogância. Completamente bravo, os seus gritos descontrolados romperam as portas e viajaram além delas. Elsa, ao ouvir as queixas, correu para acudir. Posto lá, ela viu o meu marido a um fio de ferir o meu rosto. Inconformada, Elsa ameaçou reagir caso ele tocasse em um fio do meu cabelo.

Com medo que ele se zangasse mais e batesse em Elsa, disse para ela que não devia se intrometer. Elsa não me ouviu. Então, gritei com ela cheia de medo; mesmo assim, ela não me deu ouvidos.

Elsa me defenderia de qualquer coisa ou de qualquer pessoa. Ela nunca deixaria alguém tocar em mim, mas era loucura querer enfrentar um homem tão robusto.

— Sai... sai daqui, Elsa! — gritei.

Irradíssimo, o meu feroz marido tentou bater nela. Tão logo o vi a ir na direcção dela, pronto para atingir aquele rosto acácio com uma chapada, o meu coração tremeu feito um terramoto. Mas tudo mudou em fracção de segundos. Os meus olhos assistiram a algo

incomum. Num instante, num pequeno espaço de tempo, meu homem foi projectado contra o chão. Foi um morote de mestre.

Impressionante!

Se eu não me lembrasse do tempo que Elsa passou na academia de Judô durante o Ensino Médio, no Makarengo, eu jamais acreditaria que ela fosse capaz de atirar ao chão um homem tão atlético e vigoroso.

Apesar de, por um lado, ser linda a acção defensiva dela; por outro lado, ela não tinha o direito de se impor daquela maneira na minha vida e de humilhar o meu marido. Aquilo me feriu por dentro.

— Porra! — gritei. — Elsa, você ficou maluca?! Quem te mandou se meter na nossa vida?

— Quê?! — ela pareceu confusa. — Esse homem não te respeita, bate em você e tu te chateias comigo por eu te acudir. Sinceramente, Kiese, você é muito estúpida!

— Isso não era pra ter acontecido assim. Isso era problema meu, não teu.

Isso pareceu tocar Elsa.

Depois de brigar com Elsa, voltei a brigar com o meu marido; naquela altura, o Restaurante já estava fechado.

Estressada e sem vontade de voltar para casa, procurei pela Natália. Era noite. Uma noite com um luar incrível. Caminhei só... com o frescor do vento nos pés. Bati a porta da casa de Natália repetidas vezes, todavia ninguém me atendia. Sentei bem em frente à porta, esperando por ela. Horas se passaram, mas nenhum sinal dela. Se ficasse mais um minuto ali, pegaria uma gripe. Atravessei a rua e, já do outro lado, pensei em buscar refúgio em casa da Ntembo, filha da tia Minga. A tia Minga era uma senhora que ajudava a avó sempre que pudesse nos anos passados. Quando a avó

morreu, ela continuou a fazer isso. Até que um dia morreu de hipertensão.

O vento soprava em todas as direcções e fazia um frio de arranhar a pele. Os grilos gritavam algures assim como o meu coração que batia de medo ao andar por aquelas ruas à noite. As pernas tremiam. Quando cheguei, o portão estava fechado. Já não podia voltar de onde vinha. Enfiei a mão num buraco, bem no canto, e puxei um ferro. O portão abriu-se. A técnica secreta ainda funcionava.

No quintal, ouvi um cão a ladrar, vindo bem na minha direcção. O animal mostrava-me os seus dentes feroz. Entrei em pânico, não me mexi, fiquei aí mesmo vendo o cão a ladrar. O coração disparou. Comecei a gritar, chamei pela Ntembo e pelo João, irmão dela cassule.

Então, vi as lâmpadas de casa sendo ligadas. Um menino, usando apenas calção e com o peito ossudo à mostra, veio para fora, acalmou o cão e pegou-me à força pelos braços, chamando-me de gatuna. Neguei, dizendo que conhecia a Ntembo. Ora o rapaz insistia na sua teoria e deu-me de mentirosa. Julguei que fosse o Beto, o segundo filho da tia Minga, mas não era. Talvez fosse um primo ou amigo que estivesse a passar um tempo com eles.

O rapaz gritava “*gatuna, gatuna*”.

Saiu outra pessoa, carregando um objecto na mão que serviria para encher de surra a suposta gatuna e, assim, fazê-la ganhar juízo. Era a Ntembo. Quando me reconheceu, completamente admirada, Ntembo gritou com o rapaz para me soltar. O cachorro voltou a ladrar, mas, quando Ntembo o ameaçou com um pau, o cão saiu correndo com a cauda entre as pernas traseiras. Ntembo estava surpresa com a minha visita. Acolheu-me com a maior satisfação.

CAPÍTULO SETE

Na manhã seguinte, quando acordei, vi um rapaz a olhar para mim. Assustada, concluí que se tratava do menino da noite passada. Quando Ntembo apareceu, mandou o miúdo se retirar e explicou-me que era o primo dela e que estava aí para a ajudar.

Ela ofereceu-me uma xícara de chá. Eu dormi como um anjo que nem tinha ouvido o barulho do comboio das cinco. Mesmo depois de muito tempo, o som do comboio continuava não me incomodando. Lembrei-me da canção que eu entoava todas as manhãs, assim que via o comboio passar:

*Eu já conheço todos os seus caminhos
Pequeno comboio que corre aos berros
Sei de cor os teus passos
Mas ainda por descobrir os seus abraços
Logo ao amanhecer, você corre atrás do sol
Como um menino
Nessa linha sem fim, a brincar alegre
E, no fim do dia, você volta como um velho
Cansado e triste
Não sabe sequer fazer uma curva*

*Só segue essa triste linha direita
Mas eu desejo que me leves
E quando esse dia chegar,
Leva-me pelos caminhos
Que nunca ousaste seguir*

Ao me preparar para ir embora, perguntei pelo *Beto*.

— Ele está doente — Ntembo respondeu triste.

Decidi vê-lo em seu quarto, *Beto* estava magrinho e febril.

— Tem maculo — ela explicou depois de cobrir o esqueleto do irmão.

Também fez-me saber que já haviam ido a todos os médicos tradicionais, mas nenhum deles conseguiu curá-lo. Fiquei apreensiva com o estado do *Beto*. Ralhei com Ntembo, porque a tia Mínga nos ensinara algumas práticas para ultrapassar tal doença; técnicas melhores do que aquelas que a maioria dos curandeiros usavam. Lembrei-lhe a importância de recolher algumas folhas como santa maria, um pedaço de pau e comprar algumas coisas necessárias para preparar o medicamento. No entanto, ela garantiu-me que não valia a pena, a situação era bem pior do que eu imaginava.

Imediatamente soube que *Beto* havia feito algo grave e, em consequência, foi-lhe enviada uma tala. Não era um tipo de maculo qualquer. Percebi que não podíamos fazer muito. Ela explicou-me tudo:

— *Beto* era assediado por uma senhora e essa senhora já vivia com o seu marido. Mas, mesmo assim, a senhora desejava muitos rapazes novos, fofinhos e com corpos bonitos como o *Beto*. A senhora seduziu o *Beto*, prometendo que lhe daria dinheiro. O *Beto* pecou; dormiu com a mulher do outro.

Pairou o maldito silêncio. Minha mente oscilou...

— Isso, para Deus, é pecado grande! Cobiçar a mulher do outro é um grande mal. Quando o coitado do marido descobriu, praguejou o Beto e disse que lhe devíamos um monte de dinheiro equivalente aos anos que ele sustentou a mulher. Só pagando a dívida é que o Beto ficará livre.

— Oh, Santo Deus! Beto é prisioneiro — lamuriei.

— Desde então, temos feito de tudo pra pagar ao homem. Até o dinheiro que a senhora manda quase não tiramos lá nada pra nós.

Fiquei triste com a situação. Falei em denunciar à polícia. Mas Ntembo garantiu que a polícia não podia fazer nada. Ela chegou de mencionar um curandeiro que poderia ajudar, mas este cobrava muito caro pelo tratamento. Visto que não podia passar um mês sem pagar parte da dívida, eles não conseguiam juntar dinheiro para pagar o curandeiro. Beto já sofria há muito tempo. Senti-me mal por não estar ao lado deles por todo esse tempo.

Despedi-me com promessas de fazer todos os possíveis para os tirar daquela triste situação e lembrei a Ntembo de ligar para mim caso precisasse de qualquer coisa.

Segui pelo caminho que levava à casa de Natália. Bati a porta.

— Quem é? — alguém perguntou.

No mesmo momento, o meu telefone vibrou e, em seguida, tocou. Era a Ntembo. Parecia apavorada. Corri até lá; quando cheguei, Beto convulsionava como se sua alma estivesse a ser arrancada do corpo. Ntembo preparou algo às pressas e deu-lhe de beber. O rapaz acalmou-se. Era a primeira vez que aquilo acontecia, por isso Ntembo estava assustada e chorava muito. Aquelas lágrimas diziam o quanto não suportava ver o irmão naquele estado. Ela teve de adiar a própria vida para cuidar dele.

Pouco tempo depois, Natália apareceu com um saco cheio de coisas que pareciam ser legumes e verduras. E, quando me viu, os

seus olhos se arregalaram de surpresa. Depois ignorou a minha presença por algum motivo que eu desconhecia. Natália estava distante de mim faz uns meses. Foi direito para cozinha, mas segui-a e disponibilizei-me para ajudar. Ela olhou para mim... um olhar penetrante que rasgava minha alma ao meio. Desviando seus olhos, voltou a cortar os tomates sem dizer nada.

— Você está muito estranha comigo. O que aconteceu? — perguntei, mas ela não respondeu. — Por que é que você não me procurou pra falar sobre essa situação do Beto?

— Pára com isso! — disse zangada. — Olha pra eles... — Queixou-se.

— Eu sempre os ajudei...

— Com dinheiro. Só isso. Mais o quê, Kiese? O teu dinheiro ajuda, mas eles precisam mais do que simplesmente de dinheiro.

Engoli as palavras.

— Compraste uma casa pra alguém que nunca se importou contigo e veja onde as pessoas que estiveram contigo toda a tua vida vivem hoje... — os olhos dela ficaram avermelhados. — Eles estão sozinhos nessa porcaria de mundo. E você se afastou dos que realmente se importavam com você. Você se afastou de mim, da Ntembo e de todos... você sumiu das nossas vidas... você se esqueceu de nós, você...

Ela travou a língua. Respirou fundo, controlando cada suspiro seu. Apesar de todo aquele ritual para controlar a raiva, seu corpo falava mais alto. A faca que segurava dividia os tomates sem piedade.

Quase me lancei em lágrimas. Natália largou a faca e foi-se embora depois de dizer que não estava pronta para conversar comigo. Quando tentei ir atrás dela, Ntembo chamou-me, pedindo uma ajuda. Ntembo estava feliz por receber a minha ajuda. Beto, com o corpo todo chupado, nem conseguia falar direito. Os olhos dele brilhavam e tinha o rosto iluminado.

CAPÍTULO OITO

Bati a porta duas vezes. Na terceira vez, Natália abriu meio sonolenta. Seus olhos não se espantaram ao me ver.

— Eu não sabia pra onde ir — anunciei, abraçada ao meu corpo. — Você tem razão, eu me afastei de vocês.

Natália permaneceu com o mesmo olhar pasmo e a mão apoiada na maçaneta, criando uma barreira.

— Posso entrar?

Pareceu não me ouvir, então reforcei.

— Por favor! — ela autorizou depois. Toda nervosa.

Organizou a sala devagar. Convidou-me a sentar e ofertou-me um copo com água. Já sentada, ficamos à deriva, a olhar uma para a outra. Ela não parava de menear a cabeça. Esfregava as mãos na coxa sem parar ao mesmo tempo que me olhava, esperando uma explicação.

— Por que você não me contou? — escapuliu-me.

— Se vieste cá pra isso, melhor ires embora — levantou chateada e mostrou-me a saída.

Desculpei-me na hora e pedi para ela se sentar de novo.

— Me tiras a essa hora da cama pra isso? Devias ter mais respeito, Kiese. Quem pensas que és? Deus? — reprovou.

Eu conhecia as minhas limitações como ser humana. Era uma criatura doente, Deus não. Mas quando Natália fazia aquilo, eu odiava.

— Eu discuti com Elsa na noite passada. — Dei uma pausa, esperei Natália falar qualquer coisa. Mas não dizia nada, olhava-me apenas. — E também discuti com o meu marido.

— Queres o quê, afinal?

— Eu não sei. — Olhei para ela insegura. — Quando discuti com o meu marido, eu queria conversar com alguém. Uma vez que acabei por criar uma barreira com Elsa, pensei em você.

Eu achei que tinha tudo na ponta dos lábios, mas, quando cheguei lá, as palavras emigraram do nada.

— Estava com saudades — declarei com carência. Depois abracei-a.

Natália não reagiu, permaneceu imóvel, mística como um enigma antigo.

— Eu também — ela disse depois num sussurro.

Cansamos de magoar uma a outra, de causar feridas e criar barreiras. Pedimos divórcio aos nossos defeitos. Era o virar de uma página em nossas vidas. Natália também se mostrou arrependida por ter deixado tanto vácuo entre nós. Conte-lhe tudo o que acontecia comigo. Natália lamentou e pareceu que nunca imaginara que algo do gênero fosse acontecer comigo.

— Seja forte e corajosa, Kiese! — disse, pegando as minhas mãos. — Fazemos o que é melhor para a gente — lembrou-me. — Sempre!

— Sempre! — eu disse de volta.

— Hoje eu escuto os teus gritos de aflição, constato que ainda choras pelo leite derramado. Pára de se culpar. Toma agora uma

decisão ou amanhã o passado atormentará o teu futuro com arrependimentos que afogarão o teu estômago. Sê sincera! O teu eu deixou de querer o Avelino há muito tempo. O desejo de culpa e a tentativa de o compensar é o que te aprisiona a ele. Liberta-te dessa culpa e encontra a paz dentro de ti.

Eu fiquei desapontada comigo mesma por só perceber o que estava em questão naquele momento. Às vezes, era preciso puxar a razão quando o nosso coração ficava sem freios. E, quando insistimos em resolver algo que não tem solução, ficamos desgastados. E era isso que eu sentia o tempo todo. Eu sabia... era uma mulher insegura com impulsos desenfreados e ardentes. Como eu mudaria aquilo?

Eu tentava, mas não conseguia. Seria o medo? Medo de quê? Joguei-me outra vez num poço de pensamentos...

Embalada num quase silêncio

Impedida pelo mundo

Miúda muda nesse quarto

Evasivo e escuro

Com falta dos olhos

Os olhos de olhar

Para enxergar

A luz, a beleza do universo

E, na ponta dos meus lábios, senti o sabor de uma vírgula que anestesiou todos os meus sentidos.

Natália trouxe-me de volta à realidade.

— O errado é errado. Não se pode chamar de certo algo que é claramente errado. Isto é adular a lei da vida.

Natália dizia o que eu precisava ouvir. Confortou o meu coração. Pedi que ela me contasse as suas aflições. Natália contou-me tudo que a afligia. Ela chorou muito.

O silêncio que apareceu depois fez-nos perceber que nenhuma de nós estava a viver o futuro esperado e que continuávamos a ser duas meninas lutando para conquistar os sonhos. Abraçamo-nos forte outra vez... sem nos largarmos. Pensei em como proceder com Avelino.

— Segue o que o teu coração manda.

Quando cheguei a casa, disse ao Avelino que queria conversar e, para o meu espanto, ele também queria.

— Se for algo ruim, não conta; porque eu tenho uma notícia muito boa! — adiantou-se com um semblante cativante.

Ao ouvir aquilo, fiquei com receio de estragar a sua felicidade. Por isso, fingi que o que tinha para contar não era nada importante. Após conversar com Natália, pela primeira vez na minha vida, eu estava tão certa do que queria fazer. Estava pronta para deixar o Avelino. Mas, com aquela notícia... fiquei com receio de o ferir.

O meu marido contou-me que já tinha assinado os documentos e que, em breve, poderia arrancar com o negócio aprovado por Nelson e Carlos. Com essa notícia que parecia a essência de um jovem poeta com sonhos ardentes, enchi-me de muitas expectativas que me fizeram repensar muitas decisões.

Passaram-se muitos dias e o meu marido quase não parava em casa. Não que isso me alegrasse. Eu queria a todo tempo receber os carinhos dele e ouvir a sua voz.

CAPÍTULO NOVE

Eram vinte e duas horas e meia da noite. Entregue ao trabalho árduo, deixei-me levar pelas horas. O que parecia ser uma tarefa bem pequena logo revelou ser um grande problema. Enquanto organizava alguns documentos, escutei um barulho vindo da porta de entrada do Restaurante. Estranhei, porque já havíamos fechado uma hora mais cedo. Decidida a averiguar o que seria, desloquei-me até ao local das refeições. Tudo estava calmo, apenas a luz do balcão marcava a sua presença. O frio do ar condicionado também já ia embora; afinal, o ar fora desligado uma hora atrás quando decidimos fechar tudo. Na verdade, nem eu deveria estar ali. Deveria ter encerrado tudo e voltar a trabalhar só no dia seguinte.

Ouvi o ruído. De novo. Mas desta vez pareciam passos leves sendo marcados no corredor que dava acesso ao meu gabinete. Banhada de medo, andei junto do balcão brilhante, sempre mantendo a minha mão apoiada nele para evitar acidentes. A luz do balcão era fraca, por isso tinha de manter os olhos bem abertos.

Algo me agarrou pelas costas. Percebi que era um homem quando lancei os meus olhos para ver as mãos que me apertavam com força. Minha respiração acelerou, o calor do ambiente pareceu aumentar. Fui arremessada contra a parede. Minha mente viajou por

algumas galáxias antes de voltar e ser, de novo, arremessada com mais força. Dessa vez, minha testa bateu contra o balcão. Cai tonta. Senti gosto de sangue em minha boca.

— Pára! — sussurrei, cansada. — Pára, por favor! Pode levar tudo... eu tenho dinheiro na pasta. Se quiser te entrego tudo.

O meu opressor parecia não ter voz, eu não ouvia nada vindo dele. Só aquele maldito silêncio.

Se for pra morrer, tenho que ver a cara de quem quer acabar com a minha vida. Refleti.

Virar para vê-lo era um problema, meu pescoço doía muito. Entretanto, a vontade de ver a cara do miserável era maior. Quando consegui olhar para ele, o grito de raiva que senti nunca saiu da minha boca. A amargura de ser agredida por alguém próximo roubou-me a voz, fiquei presa no espanto. O desavergonhado era o sr. Luís Miguel, o dono do espaço. Fiquei apavorada; o imbecil agarrou-me mais uma vez, prendendo-me mais próximo dele. Todo seu corpo fedia a cheiro podre de álcool.

— Me larga! — gritei. — Me larga, caralho... me deixa, seu filho da puta... desgraçado... me larga, porra!

Ele calou-me com uma bofetada pesada. Os meus lábios ficaram tão machucados que nada além de sangue saíam deles. Envolveu-me nos seus braços outra vez como se meu corpo fosse o dele. Senti a barba veluda que ele tanto cuidava.

— Ei! Continua calada, coisa fofa! — ordenou.

Enquanto discursava seu prefácio malicioso, suas mãos não paravam quietas. Acariciavam a minha anca e apertavam os meus peitos.

— Ficas mais bonitinha assim! — declarou com ar perverso.

Ele tornou a empurrar-me contra o balcão, virou-me para que ficassemos face a face. Aqueles olhos maldosos brilhavam de prazer. Foi difícil assimilar, mas eu soube naquela hora o que o velho

asqueroso queria fazer comigo. Lutei, mas ele tinha os ossos mais duros que uma pedra. Balbuciava e sorria com frieza. Tentei escapar, porém, dada a minha teimosia, ele voltou a bater em meu rosto. E, pela primeira vez, eu fiquei com medo e não com raiva. Como uma criança, deixei ele beijar meus lábios feridos e sangrentos. Deixei ele arrancar meu vestido. Toda vez que resistia, eu ganhava um golpe na cara. No final de tudo, ele cumpriu a sua missão: desvirginou o seu desejo por mim, pintou no meu corpo os seus prazeres venenosos e as suas trevas. Meus olhos observavam ele a se contorcer de prazer após atingir o clímax. Os gemidos eram irritantes. Eu queria matá-lo. Arrastei meu corpo para longe. Nua e com medo, eu procurava alguma forma de pegar em uma faca. Só precisava ter forças para chegar até a cozinha...

O pervertido saiu correndo com o rabo entre as pernas antes de eu puder vingar minha pureza. Naquela noite o meu ódio por homens desabrochou. Fiquei aí. Abandonada no chão. Chorando. Desamparada.

Peguei no meu vestido, coloquei-a no corpo e rendi-me ao cansaço.

Ouvi vozes que me chamavam para a vida. Quando despertei, olhei à volta e vi a Neusa, com aqueles olhos de caramelo, olhando para mim perplexa.

— Senhora! — ela chamou-me. — O que aconteceu aqui?

Demorei algum tempo para me situar antes de me lembrar do filme terrível que tinha vivido horas atrás. Quando as lembranças surgiram, fiquei toda horrorizada.

— O que foi, senhora? — Neusa insistiu. — A tua cara está muito machucada. Assaltaram o Restaurante?

Eu tremia, mas me recusava a ceder às lágrimas que queriam cair. Meus pulmões não funcionavam como de costume. A minha alma se contraía com o abuso, e meu rosto doía devido aos golpes que havia recebido das mãos do sr. Luís Miguel. Ainda assim, a dor não me distraía da sensação demoníaca que aquele homem malvado havia deixado no ar. Eu estava com nojo do meu próprio corpo. Tudo o que eu mais queria, naquele momento, era correr numa velocidade que me fizesse esquecer tudo.

Quando cheguei ao meu doce lar, gritei com toda força, procurando conforto. O silêncio que se seguiu denunciava a ausência do Avelino. Joguei a bolsa algures da casa, entrei de cabeça no quarto de banho. Enchi a banheira com as minhas lágrimas, lavei-me de raiva e com dor. Os pensamentos eram tão fortes que me davam uma enorme vontade de vomitar. Ainda no banho, quebrei a promessa que tinha feito a mim mesma e abri uma garrafa de vinho. Nenhuma dor se comparava àquela que eu sentia. Quando provei o vinho, abri o caminho para uma vida abusada e desrespeitada.

Com o passar do tempo, comecei a beber para cair no sono, mas ficava noites em claro. Isso fazia com que eu me afundasse mais no mundo da bebedeira. Afogava-me no álcool na esperança de cair num sono ou que, talvez, aquilo servisse de remédio ideal para as minhas dores.

Os pesadelos assombravam-me dia e noite, oferecendo-me algo pior que o inferno: um estado profundo de terror e perturbações. Durante esses dias de frio que aleijavam a minha pele, o Avelino fazia-me falta. E, quando ele estava, eu não queria ser tocada por ele. O Avelino acreditou na fábula de uma doença que me roubara a saúde; ele não fazia ideia do que realmente acontecera. O facto de ele ficar muito ausente de casa também ajudou.

No dia em que o sol se deitou no chão como uma criança, deixando em todo canto as suas pegadas, Natália visitou-me preocupada com a minha ausência no Restaurante e desinteresse em trabalhar. Eu disse-lhe que me foi diagnosticado um corrimento vaginal. Ainda menti que era tão grave que, às vezes, deitava mau cheiro. Preocupadíssima, Natália passou-me o contacto de um ginecologista. Apesar de tudo isso, ela ainda suspeitava que não se tratava apenas de um corrimento vaginal. Numa de suas várias visitas, confessei a ela que pensava em vender o Restaurante e usar o dinheiro para viajar e tentar encontrar um médico que pudesse tratar do Beto, irmão da Ntembo. A notícia deixou-a furiosa. Ela acreditava que eu estava a me sabotar por agir daquele jeito.

Quando pensamentos suicidas voltaram a inundar a minha mente, percebi que precisava de ajuda. Numa noite qualquer, liguei para a Natália e contei-lhe tudo. Sentida, ela veio correndo até a minha casa.

— Já não aguento mais... — desabafei. — É uma vida exaustiva, amiga. Eu preciso de ajuda, por favor... Me ajuda!

Diferente do que eu esperava, Natália lançou-se sobre mim e abraçou-me. Aquele abraço foi diferente, era um abraço de conforto, de apoio, de amor. Depois de muitas noites sofrendo em silêncio, naquela noite eu me senti acolhida.

CAPÍTULO DEZ

Eu acabava de sair pela terceira vez do quarto de banho. Vomitar tinha se tornado a minha rotina. Os enjoos e a fadiga diziam-me uma coisa... que eu sabia muito bem: *estava grávida*.

Lembrei daquele dia, quando as minhas preces para Deus ferviam como as súplicas de Salomão. Talvez todo aquele dilema fosse uma resposta à oração do dia que me entreguei, rogando por um milagre. Um filho do velhaco Luís crescia dentro de mim. Por mais que odiasse aquilo, eu não sabia como me sentir. Estava dividida entre a alegria e a tristeza. Ter uma criança era muito importante para mim. E, por mais que as memórias fossem traiçoeiras naquela hora, eu mal podia negar aquela dádiva. Então, despi-me de toda perturbação e sorri de braços abertos para a vida. Sorri pela felicidade que me foi concedida. Chorei de alegria; após um tempo, foi a primeira vez que me sentia tão viva.

Dias se passaram sem que os meus lábios confessassem os meus segredos para Avelino. Guardei a notícia da gravidez para mim mesma.

A manhã seguinte começou com uma ventania leve. Depois começou a soprar por todas as direcções e, em seguida, uma chuva miúda. Mais tarde as gotas de água da chuva começaram a bater no

teto como se estivessem a fazer testes nucleares. Os especialistas não previram a medida de violência que a chuva e o vento trariam nessa corrida frenética para conquistar o amor do arco-íris. As estradas transformaram-se em oceanos impacientes, as ruas, em mares escuros. A cidade ficou parada e os que saíram às cinco da manhã ficaram só nos postos de trabalho a assistir a chuva cair, embriagados de preocupação com a possibilidade de a chuva fazer um estrago nas suas casas.

Nesse dia, enquanto passava ferro na roupa do Avelino, acabei por encontrar um pedaço de papel mal dobrado. Era uma receita. Observei aquilo e algo me pareceu familiar. Como estava confusa em relação a algumas letras, decidi guardar o papel. Horas depois fiz uma foto no papel e enviei-a para Albertina, solicitando informações. Eu tinha a certeza de que ela podia ajudar-me a descodificar o que estava escrito no papel.

Minutos depois recebi a resposta:

É uma receita usada para homens estéreis.

Fiquei em choque! Parecia que o mundo havia desabado bem debaixo dos meus pés. Eu não sabia se era capaz de viver com aquela traição. Enchi-me de perguntas. Afinal, o que estava eu a fazer? Eu passava por tudo aquilo a custo de quê? De nada. Percebi, enfim, que já não cabia no meu peito tanta dor. Estava cheia e a um fio de largar tudo. E, naquele exacto momento, tudo fez sentido: as viagens, os esforços para conseguir o investimento, etc. Não acreditava no jogo que Avelino fizera comigo.

Alguns dias depois ganhei coragem...

Avelino tinha chegado mais cedo naquele dia. Eu estava na cozinha a preparar o jantar. Tudo aconteceu num momento, não havia planeado nada. Enquanto cortava as cebolas, aproveitava deixar algumas lágrimas escorrerem de meus olhos, assim não teria que explicar para ninguém o motivo da minha choradeira. Os

pensamentos de todo sofrimento que passei ao lado de um homem que sempre amei não me largavam por nada. Estava arrependida, minha vida não tinha mais um norte: era um amor bandido. Eu sofria em silêncio enquanto o filho da mãe levava sua vida maluca. Culpava-me por não ter um filho quando, na verdade, era ele quem não podia ter...

Imbecil... Covarde... Homem Beta, sem masculinidade... Frouxo. Não sabe dar a cara e enfrentar as coisas.

Senti uma mão a acariciar os meus ombros. Imediatamente soube que era ele, o Avelino. Segurei a faca com firmeza, deixei a cebola rolar no balcão. Ele beijou o meu pescoço, as minhas bochechas e chegou até a minha boca. Cada toque dele me lembrava todos os toques que ele roubou de mim. Cada carícia trazia de volta à minha mente os estupros que sofrera. A raiva era um sentimento venenoso, jamais deveria ser estimulada. Entretanto, o Avelino fazia questão de estimular a minha fúria. Virei-me para ele e entreolhamo-nos. Ele agarrou-me pela cintura, puxou-me para mais perto de si. A faca acabou escorregando da minha mão e caiu no chão. Ele tocou em meu queixo, levantou a minha cabeça e beijou os meus lábios. Nesse dia, o beijo dele se tornou azedo, sem brasa. Passava as suas mãos nas minhas ancas e pernas enquanto me beijava como louco. Quando notou a minha indiferença parou e, olhando-me nos olhos, perguntou:

— Algum problema?

Tentei falar, mas apenas um sussurro de choro sair de mim.

— Amor, tudo bem? — perguntou, sendo amável e educado.
— O que você tem?

Voltei a encará-lo. Aquele homem só me dava nojo. Tinha perdido toda admiração que sentia por ele.

— Quero o divórcio — consegui falar. — Você não me faz bem.

Ele sorriu, como se não tivesse entendido o que eu dissera.

— Eu sei como vai terminar isso — disse-me. — Eu vou arrumar as minhas coisas, vou-me embora, você vai ficar sozinha a pensar em tudo. Depois vais sentir saudades e vais ligar para mim vezes sem conta enquanto choras em algum canto do teu quarto por eu não atender o telefone. Queres que eu continue?

Pairou um tímido silêncio.

Ele voltou a acariciar o meu rosto, passou a mão no meu cabelo e chupou os meus lábios.

— Minha linda mulher, não te canses do teu homem — insistiu.

Afastei-me dele.

— Acabou! — falei num sussurro. — Acabou... Quero o divórcio! Sai da minha casa!

CAPÍTULO ONZE

Na manhã seguinte, o meu telefone foi inundado por uma chuva de mensagens. Ao lê-las, senti-me dominada pelo medo e comecei a suspirar fundo. Vesti-me às pressas e corri para o hospital, imaginando o que poderia estar a acontecer.

Sem me aperceber, eu estava fora de casa e, quando notei, olhava sempre para trás... para o caminho de volta para casa. Mas Natália precisava de mim, eu ouvia os seus gritos de socorro. Quando cheguei ao hospital, encontrei-a em bom estado. Ela própria me tranquilizou.

— O Restaurante foi destruído — Natália contou-me. — Foi invadido por um grupo de delinquentes que deram cabo de tudo.

Eu sabia de quem era aquela prática; a semelhança de Natália, eu também suspeitava do velhaco Luís, aquele asqueroso e filho da puta. O desgraçado não se contentou só em me estuprar, por isso queria machucar as pessoas que eu amava. Eu não podia deixar aquilo acontecer. Eu não podia mais viver sob pressão e com medo. Então, denunciei-o à polícia.

EPÍLOGO

Tentava reorganizar a minha vida sem Avelino. Passei dias em casa, comendo chocolates e pesquisando espaços para arrendar. Mas não chegava mais longe do que isso. Sempre que encontrava um espaço, procurava desculpas para não avançar com as coisas.

De repente, escutei a campainha. Quando fui lá abrir, encontrei Elsa. De imediato, abracei-a. Cheia de saudade.

— Obrigada por não ir embora.

Convidei-a a entrar e contei-lhe sobre a gravidez. Elsa mostrou-se muito feliz com a notícia. Felicitou-me. Contudo, parecia um pouco abatida. Estava diferente.

— Eu não queria dizer aquilo... eu queria tanto compensar o tempo perdido que acabei estragando tudo. É que, às vezes, — moveu a cabeça — eu sou muito emotiva. Me perdoa pelo embarço que provoquei — desabafou.

Sem me dar tempo para falar, discursou:

— Eu juro que tudo que fiz foi por você. Mas por onde passei eu encontrei pessoas maldosas. Tive as maiores expectativas e esperanças de te dar uma vida melhor. Mas... as pessoas que me prometeram o paraíso me traíram e me forçaram a fazer coisas

horríveis. No passado, não voltei por vergonha, porque eu sou uma fracassada. Hoje estou aqui e quero te ajudar a caminhar.

— Eu odiei te ver a estragar aquele dia. Mas tudo que disseste não era nenhuma mentira.

— Espero que esse filho mude de uma vez o Avelino.

Com aquilo, eu pensei em algo estúpido. Mas descartei.

— Disse algo de errado?

— Não — respondi pensativa.

Encarava-me como se visse a minha tristeza.

— Deixei o Avelino — contei. — Não penso em falar nada para ele. Vou criar sozinha esta criança.

Passados vários meses, faltando pouco para sentir a dor do parto, Avelino fez-me uma visita.

Eu estava na sala quando alguém bateu a porta. Espreitei pelo buraco redondo plantando acima da maçaneta e vi que era ele. Não abri a porta. Tranquei tudo. Mesmo assim o homem insistia em falar comigo. Convenci-me de que já não sentia nada por ele. Infelizmente, foi a pior mentira que eu inventei. Porque agora que escutava a sua voz eu descobri que o amava mais do que podia imaginar.

O amor, às vezes, agia como o vento: vinha de todas as direcções e tocava-nos o corpo todo; às vezes, fazia frio como nas noites cheias de nuvens escuras e outras vezes, calor como nas manhãs ensolaradas. Não tinha como se esconder disso. Amar era sofrer.

Com a barriga enorme, sentei de costas para a porta. Do outro lado da porta estava ele. Foi a única proposta que aceitei das várias que me apresentou.

— Por que você não me ligou? — perguntou.

— Quando eu disse que não queria mais nada, era verdade — respondi.

— Quando eu fui embora, eu senti muita saudade e chorei muito. De verdade! Não me sentia bem e ficava grudado no telefone, esperando você ligar.

— Por que não ligou? — rebati.

— É você quem devia ligar, lembra?

— Não! Sinto muito.

— Por que foi preciso um passarinho me contar que seria pai quando todos já sabiam?

Bateu na porta, pedindo para me ver gorda.

— O que estás a dizer?

— Você está grávida. Seremos pais.

Senti uma grande vontade de gritar com ele devido à sua hipocrisia. Mas pensei no bebé e decidi ignorar.

— Eu serei mãe, mas tu não sei se algum dia terás o mesmo privilégio que estou a ter hoje. Eu sei de tudo, Avelino.

— Sabes do quê?

— A porcaria da receita médica que você esqueceu na calça — informei. — Devias ter mais cuidado com a mulher que lava a tuas roupas.

Ficou calado. Depois negou.

— Tu deves te odiar para fazeres isso contigo mesmo. Como uma pessoa pode ser tão fria consigo mesma? — indaguei de volta. — Todo esse tempo tu me fizeste acreditar que eu era o problema, que eu estava doente. Você me fez sentir uma dor que nunca acaba. Fizeste-me passar por noites difíceis, abusaste do meu amor e fizeste-me cobaia das tuas dores. — Senti os olhos molhados.

“Passei noites em claro com os olhos avermelhados e a cabeça a doer. Obrigada! Aprendi da forma mais dura tanto que quase custou a minha vida” limpei as lágrimas. “Porém, realmente espero que Deus tenha misericórdia de ti.”

— Então, se essa criança não é minha... quem é o pai?

Continuei calada.

— Você me traiu... eu te entendo.

Depois, ele pediu-me desculpas e mostrou-se muito arrependido. Disse que descobrira há alguns meses, mas estava com medo de me perder. Não consegui me conter, levantei e abri a porta. Vê-lo ali foi terapêutico... Avelino estava mais barbudo e com os olhos cansados. Usava uma camisa amassada e uma calça jeans escura.

— Você ficou linda com essa barriga — disse quando me viu.

— Me desculpa... por tudo! — E, virando-se, foi embora. Fiquei de pé na porta, olhando o Avelino sumir do meu campo de vista. Fiquei tão emocionada e tão arrasada pelo fim do nosso amor que perdi o ar e fiquei tonta.

Quando voltei a olhar para onde ele ia, já não o vi. Só o Sol que brilhava sobre o céu azul restara. E, naquele momento, a sensação de alívio apareceu. Foi como se alguma coisa pesada fosse tirada da minha vida: um amor bandido.

A bolsa rompeu, o líquido escorreu e eu soube que o meu filho estava vindo ao mundo. Enquanto me apoiava sobre o vão da porta, procurando forma de pedir ajuda, vi de longe Elsa e Natália. Elas perceberam logo o que estava acontecendo.

— Pega a chave do carro dela lá dentro — Natália disse para Elsa.

— A chave está onde? — Elsa segurou meu rosto. — Fica calma, vai ficar tudo bem.

— Na segunda gaveta à esquerda da minha cama — respondi.

Horas depois, a criança chegou ao mundo. E, do meu lado, estavam duas amigas: Elsa e Natália.

NOTA DO AUTOR

Muitos relacionamentos ou lares terminam devido à falta de confiança entre os cônjuges que, às vezes, agem de forma discreta feito agentes secretos e preferem esconder a verdade entre si para não se magoarem. É triste ver um lar ser destruído pelo ego elevado de um dos cônjuges. Com o desejo ardente de evitar o desgosto, causamos dores maiores. Caos. Provocamos estragos irreparáveis.

O caso da violência física ou verbal, as traições por mágoas ou desesperos em resolver os problemas leva o relacionamento ao seu epílogo. Tudo termina como se nunca tivesse começado.

É com maior realce que se chama atenção ao individualismo no relacionamento e o desejo exaustivo de querer resolver primeiro o problema, ser o super-herói ou a heroína. Esse espírito heróico, que faz deixar de fora as outras pessoas e leva alguém a acreditar que precisa sentir as dores de cabeça sozinha, é um mal que precisa ser cortado pela raiz.

Se uma pessoa é incapaz de aprender ou a caminhar com uma outra pessoa, ela não é digna de ter um lar.

Relativamente ao facto de a alegria e a tristeza coabitarem com a gente, o caso do abuso sexual que resulta em gravidez é, sem dúvida, uma tragédia que a vida traz a muitas mulheres. Precisamos,

então, ser fortes e, acima de tudo, nos desprender das desconfianças. Precisamos acreditar e ouvir as pessoas próximas. Isso pode servir de grande ajuda e até de remédio para as dores e dúvidas.

Importa realçar que é desaconselhável todo e qualquer tipo de violência. É repugnante.

Muitas vezes só precisamos nos abrir, contar os nossos medos para que todas as cores voltem a brilhar no nosso céu.

É como aprendemos desde o começo do universo: amar verdadeiramente uma pessoa é aceitar que, às vezes, deixar ir é a melhor opção.



Sobre o Autor

Biismarck Ngunza, pseudônimo de Alexandre Francisco Ernesto Ngunza. Nascido na província do Kwanza Sul, Angola. É técnico médio de Contabilidade e Gestão.

Membro do projeto literário Vivo Lendo, onde é diretor dos serviços editoriais. E membro do Handyman clube de leitura da Biblioteca Contr' Ignorância. Eterno procurador de conhecimento humano e um apaixonado pela literatura. Crê que todos nós podemos alcançar alguma coisa na vida, se formos ousados e tivermos coragem para tentar.



Dizem que "a vida é uma viagem e algumas pessoas escolheram ser a mala". Mas Kiese, apesar de determinada e inteligente, aceitou levar a mala errada: Avelino. Astuto, ele observava Kiese a se despedaçar pelos dois. Avelino não movia um dedo nem impedia Kiese de carregar um fardo que não lhe pertencia. Mal sabia ele que o amor é nobre demais para ser mendigado. Um dia ela cansou de ser o tanto faz na vida de Avelino e entendeu que, às vezes, é preciso tomar decisões de adulto ainda que isso nos faça chorar como criança.

Ao ler **UM AMOR BANDIDO – Entre a Tristeza e a Alegria**, lembre-se que 'quando você aceita o fim de algo, o universo entende que você está pronto para recomeçar'.

Johanna Miguel | A Distinta



Apoio

ROSALF
COMERCIAL

Patrocinador Exclusivo

ISBN 978-989334405-7



9

789893

344057